

PB

PROBLEMAS BRASILEIROS

Christian Dunker analisa o sofrimento intolerável

A potência revolucionária da ciência quântica

2025: o que vem por di

25 PALAVRAS
E EXPRESSÕES
AJUDAM A
DECIFRAR O
ENIGMA DE
UM ANO QUE
NASCE IMERSO
EM DESAFIOS



sp.senac.br/corporativo

Quer investir no desenvolvimento da sua equipe e alcançar excelência nos serviços prestados?

QUER SABER?
SENAC!



ATENDIMENTO
CORPORATIVO



PRESIDENTE **Abram Szajman**

PRESIDENTE EM EXERCÍCIO **Ivo Dall'Acqua Júnior**

SUPERINTENDENTE **Antonio Carlos Borges**



www.agenciatutu.com.br

PUBLICAÇÕES

DIRETOR DE COMUNICAÇÃO INTEGRADA **Demian Russo**

DIRETORES CRIATIVOS **Clara Voegeli e Demian Russo**

EDITOR **Lucas Mota** MTB 46.597/SP

SUBEDITORA **Dimalice Nunes**

REVISÃO **Flávia Marques e Nanci Vieira**

DIRETORA DE ARTE **Carolina Lusser**

EDITORES DE ARTE **Paula Seco,
Joélson Buggilla e Alberto Lins**

DESIGNERS **Annima de Mattos, Débora Faria,
Maria Fernanda Gama e Jônia Caon**

PROJETO GRÁFICO **Paula Seco**

CAPA **Paula Seco**

COLABORAM NESTA EDIÇÃO **Ana Paula Morales,
Ana Paula Ribeiro, Jaime Spitzcovsky, Luciana
Alvarez, Pâmela Brito e Sabine Righetti**

RELAÇÕES INSTITUCIONAIS

Maria Izabel Collor de Mello

CONSULTORIA DE CONTEÚDO **André Rocha**

Os artigos publicados são de inteira responsabilidade de seus autores e não refletem a opinião da **PB**. Sua publicação tem como objetivo privilegiar a pluralidade de ideias acerca de assuntos relevantes da atualidade.

revistapb.com.br

FALE COM A GENTE

publicacoes@fecomercio.com.br

IMPRESSÃO **Eskenazi**



PB | #484

*Como definir o ano que passou e o que está chegando? Em tempos de veloz e constante transformação, questões como a crise climática se intensificam de maneira inédita, enquanto o mundo assiste a uma escalada de guerras, tragédia das mais antigas. A tecnologia avança rápido, mas sem efeitos sobre dilemas tão crônicos quanto a desigualdade. Para organizar o que está por vir, a Revista **Problemas Brasileiros** elegeu 25 palavras para entender 2025, além de ouvir especialistas. Frente à reflexão, surgem também as oportunidades para que a transformação em curso se traduza em avanço para todos.*

A FecomercioSP acredita que a informação aprofundada é um instrumento fundamental de qualificação do debate público sobre assuntos importantes não só para a classe empresarial, mas para toda a sociedade. É nesse sentido que a Entidade pública, bimestralmente, a Revista **Problemas Brasileiros**.

 revistapb.com.br

 [@problemasbrasil](https://www.instagram.com/problemasbrasil)

 [@pbrevista](https://www.facebook.com/problemasbrasil)

 [@canalUMBASIL](https://www.youtube.com/canalumbrazil)

 OUÇA O NOSSO PODCAST! DISPONÍVEL NO SITE DA REVISTA, DEEZER, SPOTIFY E SOUNDLOUD.

lista de ano novo? temos!

IR ALÉM.

BUSCAR E REVELAR.

AMPLIAR HORIZONTES.

EXPLORAR O NOVO.

EXPANDIR, ACOMPANHAR
E ANTECIPAR.

RETRATAR, REGISTRAR, REFLETIR
E PUBLICAR O SURPREENDENTE
EM REPORTAGENS, ARTIGOS,
ENSAIOS E PODCASTS

**EM 2025, VENHA VIVER
E SER AINDA MAIS
BRASIL COM A GENTE.**

 Deezer, Spotify e Soundcloud

 @pbrevista

 @pbrevista

 @CanalUMBRASIL

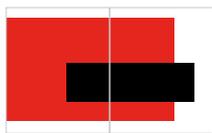
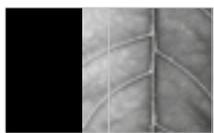
REVISTAPB.COM.BR

2025



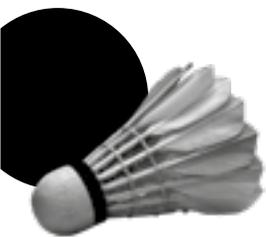
8 Entrevista
CHRISTIAN DUNKER: O BRASIL E O SUJEITO EM REFORMULAÇÃO

14 Capa
VINTE E CINCO PALAVRAS PARA 2025



38 Notas
CONTEÚDOS EXCLUSIVOS DO SITE PB

40 Perspectivas 2025
DA POLÍTICA À CULTURA, DEZ ESPECIALISTAS OLHAM PARA O ANO NOVO



49 Publieditorial
AGENDA VERDE: COMPROMISSO SUSTENTÁVEL



1

50 Ciência
ANO QUÂNTICO: COMO ANDAM AS PESQUISAS NO BRASIL E NO MUNDO?



54 Charge
FUTURO INDECIFRÁVEL



Esta frase, que, de acordo com a mitologia grega, era profetizada pela Esfinge de Tebas aos que atravessavam o seu caminho — mas que só poderiam seguir se desvendassem um enigma —, resume o dilema da humanidade diante de transformações estruturais vertiginosas, ainda não devidamente assimiladas.

No âmbito planetário, o aquecimento global e a escalada das guerras se cruzam com mudanças de paradigmas tecnológicos que abalaram profundamente as relações de trabalho e consumo. No Brasil, eventos climáticos extremos se chocam com a persistente desigualdade social, sem que os governos consigam oferecer serviços públicos eficientes para a população.

Será possível, no ano de 2025, encontrarmos a saída desse labirinto? Para ajudar a organizar o pensamento coletivo na busca de soluções, a Revista **Problemas Brasileiros** selecionou 25 palavras essenciais que podem operar como o fio de Ariadne quando submetidas ao crivo de especialistas, como ocorre na reportagem de capa desta edição especial, destinada a pensar o futuro do País.

Vivemos um tempo de dicotomias e paradoxos. No quesito clima, a urgência da transição energética contrasta com o potencial ainda inexplorado que nos permitiria liderar um movimento global de descarbonização. Ademais, ao mesmo tempo que a Inteligência Artificial (IA) acelera tarefas e descortina novos horizontes, constatamos o inadmissível retrocesso da queda na cobertura vacinal, que ameaça reintroduzir doenças praticamente erradicadas.

Em meio a uma crise generalizada e multifacetada, qual é o lugar do indivíduo que perde a capacidade de articular conexões? E o reflexo das incertezas sobre a saúde mental — sobretudo dos mais jovens? Para responder a essas perguntas, o psicanalista Christian Dunker reúne psicologia e filosofia na análise dos comportamentos num mundo convulsionado por sofrimentos em cadeia. Poderá o ser humano recuperar a capacidade de sonhar? É a dúvida que paira nessa reflexão.

Por fim, 2025 marca o centenário do desenvolvimento inicial da mecânica quântica, razão pela qual a Organização das Nações Unidas (ONU) o declarou o Ano Internacional da Ciência e Tecnologia Quântica (IYQ). Como o Brasil se insere nessas pesquisas? Nas páginas que seguem, explicamos a tecnologia e suas aplicações, revelando o potencial a ser explorado na área.

Um bom ano novo!

‘Decifra-me ou devoro-te’



ABRAM SZAJMAN,
presidente da Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado de São Paulo (FecomercioSP), entidade gestora do Sesc-SP e do Senac-SP



DEMISSÃO DE SI MESMO

Entrevista
JAIME SPITZCOVSKY

Edição de texto
DIMALICE NUNES

O que acontece quando a crise é tão intensa e multifacetada que o indivíduo, além de se perder de si mesmo, perde, no caminho, a capacidade de articular conexões que permitam soluções? E como tempos incertos afetam a saúde mental, principalmente dos jovens e das futuras gerações? É em busca de respostas a essas perguntas que ouvimos o psicanalista Christian Dunker — uma das vozes mais sóbrias no debate contemporâneo sobre o lugar do sujeito num mundo em transformação. Ao unir psicologia, psicanálise e filosofia, ele se debruça sobre a análise de sujeitos e objetos num mundo que, para muitos, está à beira do colapso. Isso gera uma série de sintomas de sofrimento com efeitos em cadeia, criando nós difíceis de desatar. Acima de tudo, alimenta a desesperança e enfraquece a capacidade de sonhar, elemento intrínseco à experiência da felicidade humana. “Do ponto de vista psicanalítico, preocupa-me o crescimento, a capilarização, do que eu chamo de estado demissionário do sujeito — vidas que não se entendem como geridas minimamente pelo próprio sujeito responsável”, resume Dunker.

Vivemos um momento histórico de mudanças, diria até sem precedentes. Como a atual época impacta a nossa vida enquanto indivíduos e a maneira como interagimos com a realidade?

Há quem descreva esse momento como um entroncamento de crises. Contudo, ao contrário de outras crises que ocorrem dentro de um mesmo processo, vemos vários caminhos que produzem crises climática, econômica, política e de saúde mental. Como em todo momento desse tipo, há alta incerteza e reatividade. Um lado aponta para recuo, espera, prudência. O outro produz reações que, muitas vezes, são contraproducentes para, de fato, gerar uma reação de médio e longo prazos que permita não só fazer frente aos problemas, mas também aglutinar as pessoas para uma mesma direção, reunindo esforços de pesquisa e capital político para fazer e agrupar indivíduos que tenham capacidade de trabalhar juntos. Isso falta em função da persistência, da novidade, do inusitado. Há uma dimensão nova na economia, que é a linguagem digital, acabando com muitos negócios, construindo e reconstruindo “hidras” que não sabemos quantas cabeças terão. Vemos uma reformulação do lugar do Brasil no mundo e um Brasil que acabou, envolvendo o luto e a reconstrução do que queríamos no passado. Mas a crise é tamanha que temos de seguir em frente, mesmo sem saber para onde ir.

Qual é exatamente o Brasil que acabou e qual está surgindo?

Ainda não dá para saber direito, mas é certamente um Brasil neopentecostal, evangélico, uma mutação nas formas religiosas dominantes. Um Brasil que não sonha mais com a industrialização, mas com o agronegócio. Não se trata apenas de uma nova atividade econômica, mas uma nova mentalidade, uma nova forma musical. É uma outra maneira de olhar, inclusive, para o sistema dos saberes e da cultura nacional. A música popular brasileira, com Chico e Caetano, que moldou projetos de interpretação da nossa história, unindo cultura e política — e delineou nossa capacidade de sonhar —, estão se encerrando. É também um Brasil que tinha uma política subjetiva para a desigualdade que se esgotou. E aqui penso em quantas gerações viveram e transmitiram o legado do seu sofrimento e do seu sacrifício em nome da educação. “Eu não tive, mas os meus filhos terão”, ou “Eu me sacrifiquei, pego um trabalho mal remunerado, mas eles seguirão em frente, vão fazer mais do que eu”. Testemunhamos as primeiras gerações na universidade, a expansão do ensino superior — e, depois, o refluxo disso. A obtenção do título não trouxe a ascensão social esperada, o sonho se encurtou e virou outra coisa. Isso vai definindo o Brasil modernista.

O que mais preocupa você nesse novo Brasil dos pontos de vista psicanalítico e filosófico?

Do ponto de vista psicanalítico, preocupa-me o crescimento, a capilarização, do que eu chamo de estado demissionário do sujeito — vidas que não se entendem como geridas minimamente pelo próprio sujeito responsável. São estados de errância, de apatia, de reatividade, de incoerência com o que se diz, com o que se pensa, com o que se sente em relação ao outro. E isso me preocupa porque redundam em solidão, em jogar ao mar recursos naturais de saúde mental. Quais são? Os amigos. Ou aquela tia que talvez não gostasse, mas que vinha com aquela palavra, servia aquele bolinho, e você voltava. Vai-se, no fundo, replicando de diversas maneiras essa atitude de demissão.



VEMOS UMA
REFORMULAÇÃO
DO LUGAR DO
BRASIL NO MUNDO
E UM BRASIL QUE
ACABOU. [ISSO]
ENVOLVE O LUTO
E A RECONSTRUÇÃO
DO QUE QUERIAMOS
LÁ ATRÁS.

Ouçõ isso de muitos jovens e adolescentes: “Para que pagar o INSS? O mundo vai acabar antes”. Será mesmo que é assim? “Está tudo tão ruim que nem penso em ter filhos, porque o mundo vai acabar antes. Plano de saúde? Para quê, se a gente vai acabar morrendo envenenado mesmo.” Esse desleixo consigo mesmo é sinal da vida valendo pouco. E vida valendo pouco se junta a outras vidas valendo pouco. Isso resulta sintomas difíceis de tratar depois. Pessoas que mesmo com boas escutas, bom suporte, não reagem bem a medicação, psicanálise, quimbanda, mesa branca etc. Porque esse estado demissionário é complicado. Sob outro ponto de vista, ligado mais à temática de leitura de Brasil, preocupa-me que enfrentemos um período muito longo de desdobramento do fascismo. Não é porque Bolsonaro foi embora que isso desapareceu. Há o fascismo digital, coaches de todo o tipo, figuras perigosas que vão demorar para sair da nossa cultura, darão trabalho — e pode ser que não sejamos bem-sucedidos, que percamos para a miséria. E não só a miséria no sentido econômico, mas no subjetivo, aquela que está envolvida nesse tipo de relação com a vida, relação com o futuro, relação com os sonhos.

Como nós, brasileiros, estamos no quesito saúde mental?

Temos pesquisas. Primeiro lugar mundial em ansiedade em grandes metrópoles e segundo em depressão. Abuso de substâncias, 13%. Nossas crianças empacotadas em diagnósticos massivos de autismo e Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH). A novidade é que as pessoas estão percebendo e entendendo que esse cenário não tem precedentes. Inclusive, está havendo uma mudança no estatuto do transtorno mental, que era estigmatizado, para uma nova identidade.

E como estamos lidando com essa situação?
Existe um dado muito curioso que fala muito do Brasil nessa nova configuração público-privada. O País tardou em fazer uma reforma psiquiátrica. Em 2001, a Lei Paulo Delgado previu uma série de ações que não foram efetivadas. A saúde mental é assunto privado, das famílias. No fundo, há o entendimento de que essa é uma crise a ser vivida e gerida em uma plataforma de individualização liberal. É como eu me administro, para o bem e para o mal. Eu, uma S/A, me administro como uma unidade produtiva, uma unidade de risco jurídico. Nossa geração é a última primariamente preocupada com doenças como diabetes e câncer. Do “nós” em diante, a primeira preocupação é a mental.

Você concorda com a afirmação de que a ansiedade é o mal do século?

Concordo, mas também tenho feito trabalhos críticos mostrando que as nossas formas de nomeação de sintomas são muito genéricas. Há 20 anos, falava-se de estresse: estresse bom, estresse mau, aumento do estresse, estresse pós-traumático. Ainda existe como categoria, mas não está mais na boca do povo, porque, de certa forma, foi substituído pela ansiedade, pelo pânico e pelas diferentes modalidades ansiógenas. Trata-se de uma composição meio arbitrária de sintomas diferentes que são unificados e chamados de ansiedade. É o mesmo que dizer “tenho febre” — isso pode ser tuberculose, sífilis etc., mas já serve para dizer que tem algo errado. No fundo, a depressão e a ansiedade parecem fazer parte da mesma síndrome de reconhecimento deficitário do sofrimento. E o cardápio atual é mais vasto: uma sociedade também autista e com problemas de atenção.





Precisamos ter
a consciência de
que o nível de
sofrimento passou
do tolerável.

Você vê esse recorte das diferenças geracionais no consultório?

É muito claro. Não só pela vertente diagnóstica, mas pelos tipos de preocupação e tratamento. Antigamente, a medicina em geral (e a saúde mental em particular) trabalhava com o modelo da reparação. Há um abalo, uma perda de função, e a medicação repara essa situação. Popularizou-se essa narrativa de que a depressão é um déficit de serotonina. Então, como se fosse uma diabetes mental, você “toma” serotonina, recompõe-se e volta ao parâmetro. Essa hipótese se mostrou falsa, e, hoje, esses mesmos remédios têm menos eficácia, além do acúmulo da medicação cruzada. Mas as pessoas estão exauridas do modelo baseado em tomar uma substância que não vai compensá-la, no duplo sentido. Surge, então, uma nova abordagem médica: em troca de levar de volta ao seu estado anterior, você toma ritalina e, em vez de tirar nota seis, tira oito na prova. Em vez de cinco, tira sete. Estamos criando artificialmente novos estados, o que afeta a competição e a meritocracia.

Nesse aspecto, quais são os papéis das redes sociais e da hiperconectividade?

Bom, precisamos olhar para isso com uma certa humildade, no sentido de que grandes tecnologias de impacto sempre causarão efeitos danosos que, daqui a 50 anos, todo mundo vai saber quais são. Quanto tempo demoramos para atestar que o tabaco faz mal? Estamos numa situação um tanto parecida. Telas para crianças muito pequenas não são

permitidas, e só agora estamos debatendo o que fazer com esses dispositivos digitais nas escolas. É importante não excluir o aluno desse universo, mas como controlar o uso? Não sabemos. Como controlar o discurso de ódio? Como controlar acesso a sites pornográficos ou contraindicados para menores? Não é possível. E isso tudo é tão envolvente que nem percebemos que a ausência do debate faz parte do problema. Por exemplo, as apostas. Vivemos em um país com uma cultura de endividamento como forma de vida. O Brasil está reendividado graças aos sites de apostas, que poderiam ter sido legislados. Essa lentidão de resposta impõe cada vez mais um atraso, não no sentido do subdesenvolvimento, mas uma lentificação apática das instituições, as quais começam a ser atacadas porque não estão respondendo à altura no tempo correto.

Nesse contexto em que vivemos hoje, também se fala com muito em epidemia da solidão. Como ela se dá?

Em primeiro lugar, ela é efetiva. Há uma pesquisa norte-americana que mostra que, nos 52 Estados do país, há 1,5 ponto a mais de solidão a cada geração, menos na Flórida. Haitianos, cubanos e brasileiros parecem estar fazendo frente a um processo gravíssimo que envolve depoimentos do tipo “Faz três meses que ninguém encosta em mim”, “Ninguém dá a mão” ou “Eu não abraço mais ninguém”. A solidão é um problema gravíssimo porque acelera, vulnerabiliza, dificulta o acesso, corrompe o cuidado consigo mesmo e deixa o indivíduo muito indefeso para as próprias loucuras. Aqui, gosto de usar a antiga expressão “O louco perigoso é o louco solitário”. Existem aqueles que estão contidos à força pelo sistema, enjaulados em uma prisão disfarçada de hospital, e há muitos que criam as próprias redomas — ou solidões que não evoluem para a solidude —, o que é muito nocivo para a temática da saúde mental. Os quatro fatores transversais mais crônicos para a agudização de sintomas: *bullying*, assédio moral, assédio sexual e racismo. Qual é a reação básica em uma situação de maltrato? Isolamento do

sujeito. Na escola, em casa e na internet. É o efeito da culpa e da vergonha. “Isso que está acontecendo comigo é causado por quem? Por mim mesmo. E eu não conto isso para ninguém. Faço com o meu sofrimento o que a cultura diz: resolva-se sozinho.” O problema é que quando o assunto é loucura, esse não é um bom caminho. A resposta é sempre a palavra com o outro.

E como enfrentar o problema?

Por meio do incremento das práticas de escuta na cultura, que é uma espécie de habilidade-mãe para as capacidades socioemocionais. Mas, para se escutar, é preciso presença, tempo, sair de si, repertório e inteligência para boas perguntas. O que nos une precisa ser mais interessante pelo futuro que buscamos do que pelo que somos agora. Mas, de repente, estamos viciados em escrever no WhatsApp.

O que a sociedade brasileira pode (e deve) fazer para recuperar e desenvolver a capacidade de escuta?

Precisamos ter a consciência de que o nível de sofrimento passou do tolerável e retomar processos de gente e de instituições ligadas a direitos humanos. Desmontamos tudo isso, e vieram os discursos das armas e de se resolver a violência pela violência. Isso vai dar em feminicídio, em suicídio, em violência doméstica, não vai dar certo. Além disso, agora, estamos inseridos em uma cultura da bala, da bíblia e do boi, que são de baixos teores para a escuta.

&



APONTE A CÂMERA DO CELULAR PARA O CÓDIGO QR E CONFIRA, NO CANAL UM BRASIL, A ÍNTEGRA DA ENTREVISTA COM CHRISTIAN DUNKER.

2025: o que vem por dí

25 PALAVRAS PARA PENSAR 2025

Como você definiria o ano que passou? E o que imaginar para o que está chegando? Enquanto a humanidade é confrontada com a prevista — e agora real — crise climática, também observa a escalada das guerras, uma das suas mais antigas mazelas. Um mundo que está em veloz transformação, capitaneada pelo avanço tecnológico que muda a vida das pessoas em diversas frentes, da economia ao dia a dia dos trabalhadores, das salas de aula ao campo. Mudança que também afeta a estrutura do próprio tecido social, com desdobramentos ainda imprevisíveis.

No Brasil, ainda convivemos com uma brutal desigualdade e a baixa qualidade nos serviços oferecidos à população. Os eventos climáticos extremos impõem desafios à administração das cidades e ao cuidado com as pessoas. As novas formas de comércio redesenham o cotidiano da sociedade, proporcionando conveniência e instantaneidade. Mas até que ponto a hiperconectividade e o imediatismo estão moldando um mundo melhor?

*O impacto não é apenas tecnológico, mas comportamental. Em meio a tantas variáveis interconectadas, é natural que o ser humano se mostre perdido, como se tivesse às mãos um novelo emaranhado. E para organizar tantos pensamentos, a Revista **Problemas Brasileiros** elegeu 25 palavras e expressões essenciais para entender 2025 e ouviu especialistas em cada um dos temas.*

texto LUCIANA ALVAREZ

CAPA

o tema é

POLÍTICA



TICA



“A DESONERAÇÃO DA FOLHA DEVE ALIVIAR O CAIXA DAS PREFEITURAS, MAS OS GOVERNANTES QUE ASSUMEM EM 2025 ENCONTRARÃO UM CENÁRIO MENOS CONFORTÁVEL, DO PONTO DE VISTA FISCAL, DO QUE HÁ QUATRO ANOS.”

JECONIAS JÚNIOR, secretário-executivo adjunto da Frente Nacional de Prefeitas e Prefeitos (FNP)

PREFEITURAS

É nas esquinas de cada cidade, dos rincões às metrópoles, que os problemas do País ganham materialidade. Por isso, as prefeituras têm papel fundamental nas mudanças que o Brasil planeja para 2025. Soluções de **mobilidade** urbana, medidas de contingência para **eventos climáticos extremos**, gestão de resíduos, criação de vagas em creches e melhores postos de **saúde** são alguns dos setores em que os governantes devem agir. “A **assistência social** no Brasil enfrenta o subfinanciamento e o aumento da população em situação de rua. Atualmente, os municípios investem R\$ 30 bilhões em recursos próprios, enquanto os repasses da União somam apenas R\$ 4 bilhões, e os estaduais, R\$ 850 milhões”, aponta Jeconias Júnior, secretário-executivo adjunto da Frente Nacional de Prefeitas e Prefeitos (FNP).

A **segurança** é outra seara que, por vezes, recai sobre a esfera municipal. “Um dos principais desafios é o encolhimento do policiamento ostensivo. Em contrapartida, observa-se o crescimento da atuação das guardas municipais, o que levanta questões sobre a formação e os recursos disponíveis para esses profissionais”, afirma Jeconias Júnior.

Todo esse emaranhado de demandas se desdobra num **contexto fiscal apertado**, com as contas pressionadas pela implementação do piso da enfermagem e pelo aumento salarial do magistério. “A desoneração da folha de pagamentos deve contribuir para aliviar o caixa das prefeituras, mas os prefeitos que assumem em 2025 devem encontrar um cenário menos confortável, do ponto de vista fiscal, do que há quatro anos”, assegura o representante da FNP.

GOVERNABILIDADE

“Estabilidade política é uma reserva de poder para o Executivo, de forma que este possa impor a sua pauta ao Legislativo”, explica o sociólogo e cientista político Paulo Delgado, diretor na Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado de São Paulo (FecomercioSP). Faz tempo, porém, que os executivos brasileiros não conseguem garantir essa reserva. “Veja o caso das **eleições municipais**: se somarmos as abstenções e os votos nos derrotados, veremos que os governos municipais serão minoritários”, avalia. Diante desse resultado, os partidos acabam formando **alianças pós-eleitorais**, o que significa que há adversários dentro dos próprios governos.

Para além da falta de força, Delgado destaca que governo e oposição se comportam de maneira irreconciliável, o que cria um estado de tensão permanente. “Você deve criticar o Supremo e o Parlamento, mas não fechá-los. Você deve criticar o governo, mas não querer deixá-lo fora da eleição. Caso contrário, cria-se uma atmosfera de **instabilidade social**”, afirma. Há, ainda, o que Delgado chama de **populismo fiscal**, que acaba por pressionar o orçamento e aprofundar a crise. “É preciso uma agenda econômica brasileira que inclua a oposição. Desequilíbrio fiscal não pode ser de interesse dos agentes políticos, sejam governistas, sejam da oposição. Todas as crises dos últimos 50 anos tiveram origem na baixa sustentabilidade fiscal”, garante.

POLARIZAÇÃO

Nem foi preciso esperar que as eleições municipais de 2024 acabassem para que a disputa presidencial de 2026 começasse. Portanto, ainda que não seja um ano eleitoral, a sucessão ao Planalto vai dar a tônica do xadrez político em 2025. “As eleições municipais são sempre um termômetro, mas isso não significa que a eleição de 2026 será do chamado **centrão**, partidos que tradicionalmente se saem bem nas cidades e têm interesse em entrar na coalizão de governo”, explica Danilo Medeiros, coordenador do Núcleo de Instituições Políticas e Eleições do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap).

A polarização pode se intensificar, mas ainda é difícil prever quais serão as caras da disputa. Com o ex-presidente Jair Bolsonaro ineleável, a direita pode se apresentar dividida. “Vimos uma espécie de racha na direita. A lição que o **bolsonarismo** pode tirar do pleito em São Paulo é que o melhor é fazer acordos e ter um candidato único”, avalia Medeiros. Do lado da esquerda, a incerteza vem de falas do presidente Lula e da possibilidade de ele disputar um novo mandato, dada a falta de alternativas de peso.

Mais do que a **polarização ideológica**, o brasileiro parece nutrir uma “**polarização afetiva**”, diz o professor do Cebrap. De acordo com ele, à exceção da questão das drogas e dos direitos reprodutivos, poucos temas dividem de fato o eleitorado. “Nas ideias econômicas, é tudo muito misturado. O que vemos é mais um sentimento de ‘nós contra eles’, o que é muito perigoso. A polarização tende a descartar o diálogo e reforçar a ideia de que o grupo adversário deve ser excluído da política”, acrescenta Medeiros.

O fenômeno da polarização não é exclusividade brasileira, mas, por aqui, há linhas divisórias menos claras e pode haver enfraquecimento da tendência. “Há quem se diga bolsonarista porque é conservador nos costumes, mas há quem afirme não se importar com essas pautas, que é liberal na economia. Temos uma zona possível de entendimentos, porque as divisões não são cristalizadas”, aponta o professor.

REFORMAS

Já se vai um ano da aprovação e promulgação da **Reforma Tributária**, que criou o Imposto sobre Bens e Serviços (IBS), de competência de Estados e municípios, e a Contribuição sobre Bens e Serviços (CBS), federal. Só no Senado, o projeto recebeu 1,4 mil propostas de emendas. Demanda antiga do setor produtivo, a **Reforma Administrativa** é outra novela que parece sem fim. Em 2020, a Proposta de Emenda Constitucional (PEC) 32 foi apresentada pelo governo de Jair Bolsonaro, mas não avançou. Em maio de 2024, o atual governo instalou uma comissão para discutir o tema, e a previsão é de que saia uma proposta em 2025.

Para a **Reforma Política**, há uma ampla proposição na mesa desde 2022. No entanto, após duas votações na Câmara e outras duas no Senado, a principal mudança que continua no texto é o fim da reeleição para cargos executivos, com mandatos de cinco anos. Sem novo prazo de tramitação, a matéria está em análise na Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania do Senado.

“A HEGEMONIA ESTÁ EM DISPUTA, E O DESFECHO É INCERTO. PODEMOS TER A REAFIRMAÇÃO DA HEGEMONIA ANTERIOR, A ASCENSÃO DE UM NOVO GRUPO OU A MULTIPOLARIDADE.”

RONALDO CARMONA, pesquisador sênior do Centro Brasileiro de Relações Internacionais (Cebri)

TENSÃO GLOBAL

O mundo atravessa um período de transição no **equilíbrio de forças** entre as nações: a Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) — entre Estados Unidos e Europa — é desafiada por uma coalizão de potências da Eurásia. Por se tratar de uma mudança estrutural, no curto prazo, as tensões globais devem se intensificar. “A hegemonia está em disputa, e o desfecho é incerto. Podemos ter a reafirmação da hegemonia anterior, a ascensão de um novo grupo ou a multipolaridade”, detalha Ronaldo Carmona, pesquisador sênior do Centro Brasileiro de Relações Internacionais (Cebri).

Há, agora, um impasse na guerra na **Ucrânia**, indicando que o conflito não está perto do fim. Carmona destaca que uma escalada para um confronto militar aberto com a Otan, envolvendo países nuclearmente armados, seria o pior cenário. Por outro lado, a via diplomática funcionaria somente com a resolução de pendências profundas — a Rússia precisaria ter garantias de segurança, já que nenhum país admite forças hostis em sua fronteira, e a Ucrânia teria de aceitar a neutralidade, deixando de lado o combate entre **Otan** e **Rússia**. Há, ainda, tensão crescente na relação entre China e Taiwan, o que, na análise do pesquisador do Cebri, trata-se de outro palco da mesma disputa.

No **Oriente Médio**, há elementos recentes, mas de uma mesma batalha que se arrasta desde o fim da Segunda Guerra Mundial. Como a questão estrutural não está resolvida, os confrontos são permanentes. Agora, porém, a espiral de tensões ameaça envolver toda a região. A saída estrutural, com a criação de um Estado palestino viável política e economicamente, parece uma possibilidade muito distante. Todas essas disputas são afetadas pela emergência das novas tecnologias da chamada Quarta Revolução Industrial, que altera as forças produtivas em escala global. “A história mostra que quem alcança domínio técnico das inovações tem condições superiores para estabelecer-se como força hegemônica”, ressalta Carmona.

ECO

o tema é

Enrico

CONTAS PÚBLICAS

O crescimento da **dívida pública** vem perdendo força, com tendência para se estabilizar em 2026. No entanto, não há motivos de comemorar: ainda que estável, segue num patamar alto e deve ultrapassar os 80% do Produto Interno Bruto (PIB). A meta do governo é de **déficit primário** zero, com banda de flutuação de 0,25% do PIB. “Mas algumas despesas, ainda que primárias, como o socorro ao Rio Grande do Sul, não são contabilizadas no resultado. Na prática, um orçamento equilibrado pode significar um déficit ao redor de R\$ 55 bilhões”, explica Manoel Pires, coordenador do Observatório de Política Fiscal da Fundação Getulio Vargas (FGV).

Ainda é cedo para apontar certezas para 2025, pois um cenário de juros altos pode puxar a dívida para cima. Em compensação, um bom crescimento econômico eleva a arrecadação e ajuda no equilíbrio das contas. “Para 2026, cumprir a meta fiscal pode ser revelar bem difícil por causa da **eleição**, um componente fiscal muito forte. A conjuntura não é confortável, mas temos um caminho”, avalia Pires.

COMPETITIVIDADE

O Brasil caiu para a 62ª posição no World Competitiveness Ranking de 2024, uma piora de seis posições em relação ao 56ª lugar de 2020, ano de início do estudo. Dentre 67 países, estamos à frente apenas de Peru, Nigéria, Gana, Argentina e Venezuela. O ranking, que analisa mais de 300 critérios, usa dados oficiais e pesquisas com empresários. Contudo, a perda de competitividade nacional é um processo gradual que já dura mais de 40 anos. Nos anos 1980, o País representava 4,3% do PIB mundial; hoje, esse número é de apenas 2,3%. Mas esse declínio é tão diverso quanto o próprio Brasil. “Há diferenças setoriais. O **Agronegócio** tem um dinâmica de produtividade — e, assim, vem se tornando mais competitivo — bem superior ao do restante da economia”, explica Antonio Lanzana, presidente do Conselho Superior de Economia, Sociologia e Política da FecomercioSP.

Mudar o atual panorama exige um trabalho de melhoria em várias frentes, como **infraestrutura**, **educação**, distribuição de crédito e **abertura internacional**. “A diferença de escolaridade entre Brasil e Coreia explica em torno de 40% da diferença de **produtividade** entre os dois países”, cita Lanzana. Outro ponto de atenção é a necessidade de se aperfeiçoar o **ambiente de negócios**. “Temos um sistema desfavorável aos investimentos, com dificuldades para abrir e fechar empresas e burocracias complicadas para cumprir as obrigações trabalhistas e tributárias”, ressalta.

COMÉRCIO EXTERIOR

Em 2023, o Brasil bateu um recorde histórico nas exportações, com superávit comercial próximo dos US\$ 100 bilhões. À época, com o otimismo tomando conta do governo, o presidente da ApexBrasil — agência de promoção do comércio exterior brasileiro —, Jorge Viana, chegou a prever um fluxo comercial de US\$ 1 trilhão em 2024. Entretanto, à medida que os meses passavam, reformas prometidas não saíram do papel, negociações de **acordos internacionais** estagnaram e houve queda nas vendas de **commodities**. O resultado? Um superávit em 2024 abaixo do ano anterior — e ninguém mais toca no assunto do suposto US\$ 1 trilhão.

A tendência para 2025 é de um arrefecimento ainda maior. “Esse US\$ 1 trilhão foi um chute, não temos condições de chegar a esse valor no curto prazo. O comércio exterior brasileiro cresceu de 2000 para cá só em commodities, o que não é sustentável”, afirma José Augusto de Castro, presidente-executivo da Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB). O problema das commodities é a instabilidade, pois os preços dependem mais dos compradores do que da capacidade interna de produção. “A China compra 80% da soja brasileira. Quem define preço e decide o que fazer é o país asiático”, explica.

Ainda que o saldo da **balança comercial** siga no azul, o País deveria incentivar a exportação de manufaturados, que têm mais valor agregado, geram mais empregos e promovem crescimento interno. “No ano 2000, a balança comercial de manufaturados apresentava um déficit de US\$ 5 bilhões, valor que aumenta a cada ano [US\$ 128 bilhões em 2023] e vai continuar crescendo”, estima Castro.

“A DIFERENÇA DE ESCOLARIDADE ENTRE BRASIL E COREIA EXPLICA EM TORNO DE 40% DA DIFERENÇA DE PRODUTIVIDADE ENTRE OS DOIS PAÍSES.”

ANTONIO LANZANA, presidente do Conselho Superior de Economia, Sociologia e Política da Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado de São Paulo (FecomercioSP)

“O GOVERNO NÃO TEM CAPACIDADE FINANCEIRA PARA REALIZAR OS INVESTIMENTOS NECESSÁRIOS. O CAMINHO É ATRAIR O SETOR PRIVADO.”

ANDRÉ SACCONATO, assessor econômico da FecomercioSP

INFRAESTRUTURA

O Brasil investe, hoje, menos de 2% do PIB em infraestrutura, enquanto a média mundial é de mais de 4%. O resultado é a deficiência crônica no setor. A lacuna fica evidente em setores como transportes rodoviário, portuário e ferroviário, além das atividades digitais, em que há carência especialmente na capacidade de transmissão de dados. Esse déficit é uma das causas do chamado **Custo Brasil**, valor extra para produzir no País que recai sobre as empresas e acaba distribuído aos consumidores. “O governo não tem capacidade financeira para realizar os investimentos necessários. O caminho é atrair o setor privado. Para isso, precisamos garantir estabilidades jurídica, política e macroeconômica”, afirma André Sacconato, economista e assessor da FecomercioSP.

Uma das fronteiras de incremento para a economia nacional, mas profundamente dependente de uma infraestrutura mais eficiente, é o **Turismo**. Contudo, para alavancar o setor, é preciso investir em aeroportos, rodovias e ferrovias, além de segurança pública e educação. Esse déficit não se resolverá em um ano, mas é necessário dar os primeiros passos, com planejamento estratégico, regulação adequada e estabilidades política e econômica.

INSEGURANÇA JURÍDICA

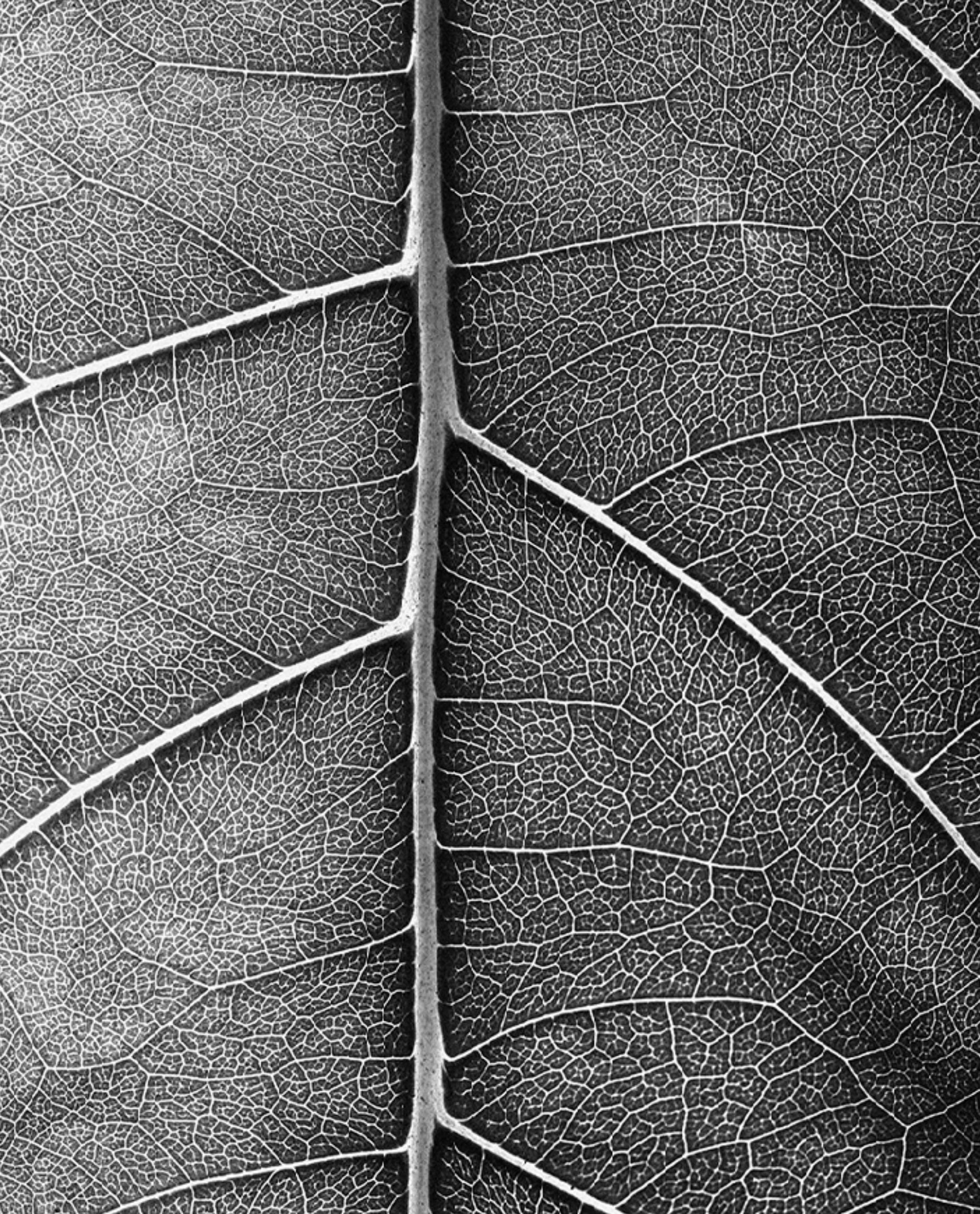
Um caso de repercussão internacional — o bloqueio das contas bancárias da Starlink para garantir o pagamento de multas da rede social X — marcou 2024 e levantou temores de que a Justiça relativize a autonomia patrimonial das empresas. E não se trata da única medida recente que causou inquietação nos agentes econômicos. Em outro caso, o Supremo Tribunal Federal (STF) autorizou a abertura de crédito extraordinário no orçamento para combater as queimadas, fora do arcabouço fiscal.

“Não cabe a um ministro do Supremo dizer: ‘Isto vai ficar fora do orçamento’. Arcabouço fiscal é matéria do Legislativo e do Executivo”, avalia Ives Gandra Martins, presidente do Conselho Superior de Direito da FecomercioSP. Esse tipo de decisão, na visão de Martins, é um desrespeito à **separação de poderes** prevista na Constituição. “O Supremo auto-outorgou o direito de legislar. Legislou no casamento de homossexuais, no Marco Temporal e nas drogas”, cita o professor de Direito.

Embora com boa intenção, as medidas afetam a confiança institucional. “Transformar o Supremo num poder político tem gerado intranquilidade e desfigura a própria imagem”, afirma Martins. Para voltar a ser uma instituição respeitada, os ministros devem deixar de lado o **protagonismo político**. “Minha esperança é que eles, percebendo a reação nacional contra essa invasão de competências, voltem a ser o Supremo de antigamente”, afirma. Mas o jurista ressalta: “Há diversos pedidos de intervenção e de **impeachment** de ministros. Não sou favorável a medidas dessa natureza”.

SUS o tema é
TEN
TABI
LIDA
DE





RESULTADOS A LONGO PRAZO PEDEM AÇÕES IMEDIATAS: DE UM LADO, REDUÇÃO DE EMISSÕES. DE OUTRO, PREPARO PARA CENÁRIOS DE CRISE

CRISE CLIMÁTICA

O planeta está cada vez mais quente — e não há frescor à vista, diante da média da temperatura anual quase 2° C acima do registrado no período pré-industrial. “Estamos colhendo as consequências de emissões de **Gases de Efeito Estufa** (GEEs). O aumento da temperatura significa a extinção de espécies”, afirma Flávia Martinelli, especialista em Mudanças Climáticas da WWF-Brasil. Por aqui, as consequências vão de aumento da seca — principalmente na Região Norte, mas também no Centro-Oeste, no Nordeste e no Sudeste — a chuvas e inundações, sobretudo na Região Sul. “A tendência é que os **fenômenos climáticos** que ocorrem hoje sejam intensificados”, explica Flávia.

Além das perdas imediatas, há consequências concretas na saúde, como o agravamento de surtos de dengue e mortes de idosos e crianças nas ondas de calor. “A alta no preço dos alimentos também é uma realidade. Milho, soja, café, feijão, arroz, leite, carne bovina e frango encareceram já em 2022 — e o cenário pode se agravar, pois a Agricultura é o setor que mais depende da **previsibilidade climática**”, ressalta. Resultados a longo prazo precisam de ações imediatas: de um lado, o País precisa reduzir as emissões; de outro, preparar-se para situações de crise.

TRANSIÇÃO ENERGÉTICA

O último relatório do Fórum Econômico Mundial mostrou o Brasil na 12ª posição no Índice de Transição Energética, o primeiro entre os países emergentes e terceiro entre os participantes do G20. “Quase 50% da nossa matriz energética é renovável, enquanto a média mundial é de 16%. Só não estamos em situação melhor porque ainda usamos muito diesel para transporte de carga e gasolina nos carros de passeio”, afirma Rosana dos Santos, diretora do Instituto E+ Transição Energética. Como as florestas, a matriz energética é um **ativo ambiental** do País. “Esse conjunto de fontes oferece uma vantagem competitiva no mercado internacional, permitindo a venda de produtos com baixas emissões de carbono, um setor que vai crescer”, avalia Rosana.

Para descarbonizar o transporte de carga, **biodiesel** e **biometano** parecem mais viáveis que a eletricidade. “O hidrogênio de baixa emissão tem um papel importante na descarbonização, mas em alguns processos não é tão eficiente e vai acabar ficando caro para o Brasil, dado que temos outras fontes renováveis de altíssima qualidade, como os ventos no Nordeste”, explica a diretora. Outro ponto importante é evitar que a produção de **hidrogênio** seja uma commodity. “É preciso um plano nacional de desenvolvimento de cadeias industriais em torno dos polos de produção de hidrogênio”, recomenda.

COP30

Há 29 anos, anualmente, as conferências para discutir questões relacionadas ao meio ambiente se repetem. No entanto, a prevista para Belém, em 2025, parece ser especial, pois marca os dez anos do **Acordo de Paris** — o que significa que é o momento de os países apresentarem as metas ambientais para 2035. Também será a primeira vez que uma região de floresta tropical receberá o evento, o que aguça o olhar do mundo para a conferência. “Em 2021, havia restrições por causa da pandemia. Nos três anos seguintes, as COPs foram realizadas por governos autocráticos. Existe a expectativa de esta ser também uma celebração da **sociedade civil**, uma COP mais inclusiva”, afirma Stela Herschmann, especialista em política climática do Observatório do Clima.

O Brasil tem boa capacidade diplomática, um interlocutor tanto entre as nações mais ricas como entre as do Sul Global, ocupando posição de liderança no tema. “Mas me preocupa a expectativa de que a COP vá salvar o mundo. Quem trabalha com o clima sabe que os avanços diplomáticos são sempre incrementais, o mínimo denominador comum”, afirma a especialista. Outra preocupação são as escolhas internas do País, que podem pôr em xeque a pretensão de liderança. “Seria bom liderar pelo exemplo. Não dá para ser o quarto maior exportador de petróleo e líder ambiental ao mesmo tempo”, alerta Stela.

“NÃO DÁ PARA SER O QUARTO MAIOR EXPORTADOR DE PETRÓLEO E LÍDER AMBIENTAL AO MESMO TEMPO.”

STELA HERSCHMANN, especialista climática do Observatório do Clima

MERCADO DE CARBONO

Avanços ambientais dependem de boas políticas públicas e regulamentação. Se aprovado, o Projeto de Lei (PL) do Sistema Brasileiro de Comércio de Emissões pode inserir o Brasil na vanguarda do mercado de carbono, ao lado da União Europeia. “O mercado voluntário que temos hoje é mais propício a fraudes e acaba sendo usado como estratégia de marketing”, explica José Goldemberg, presidente do Conselho de Sustentabilidade e do Comitê Energia da FecomercioSP, sobre a importância da aprovação da lei.

Embora ainda possa haver mudanças no PL, a ideia central de mirar nos grandes emissores é elogiada por Goldemberg. “É uma discussão complicadíssima, mas o importante é que empresas dos setores do Comércio de bens e de serviços não sejam incluídas no mercado regulado. Contudo, esses negócios, ao reduzir emissões, melhorando os sistemas de refrigeração, por exemplo, poderiam vender créditos — e, dessa forma, obter receita extra”, explica. Mesmo uma usina termelétrica pode ter vantagens ao se tornar mais eficiente. A lei, portanto, pode ser uma boa promotora de avanços tecnológicos.

Contudo, um mercado regulado de carbono, sozinho, não vai resolver as emissões. É preciso trabalhar em todas as frentes, sobretudo no combate ao desmatamento. “A atividade industrial emite 0,48 gigatonelada, e o **desmatamento** mais que o dobro disso, 1,11”, ressalta Goldemberg.

ECONOMIA CIRCULAR

Mesmo que o Brasil já disponha de uma estratégia nacional de economia circular, o plano se mostra, até agora, um decreto sem um programa de ação claro. Esses são os próximos passos necessários para que o documento tenha impacto real, explica Cristiane Cortez, assessora da FecomercioSP. Em 2022, o País gerou 81,8 milhões de toneladas de resíduos, mas reciclou apenas 4%, quando o potencial estimado era de 30%.

A ideia da economia circular vai além da **reciclagem**, numa proposta de produção e consumo de bens que não fabrique rejeitos — ou que estes sejam mínimos. “A função da Indústria é fundamental, já que a mudança precisa começar na forma como os produtos são pensados, da escolha das matérias-primas à garantia de que esses insumos possam ser reinseridos no mercado após o uso”, explica Cristiane.

Ainda que a Indústria seja a chave, a responsabilidade é **compartilhada**. “Necessitamos de uma mudança de mentalidade, tanto por parte das empresas quanto da sociedade em geral. As pessoas têm de descartar adequadamente e, na hora da compra, preferir produtos com menos embalagens, que durem mais, que sejam reaproveitáveis”, afirma. De acordo com a assessora, cabe ao Poder Público municipal promover uma **coleta seletiva** que funcione e conscientizar os cidadãos sobre a importância desse processo.

inov

vacção



o tema é

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Dia sim, e no outro também, ferramentas que usam a Inteligência Artificial (IA) estiveram presentes no noticiário e na fala de especialistas ao longo de 2024. Em 2025, não será diferente. Apesar do receio que gera em muita gente, a tecnologia deve ser encarada como aliada na busca por mais **eficiência e competitividade**. O potencial da IA já está dado, mas um impacto generalizado às atividades econômicas, mesmo as mais tradicionais, deve se intensificar. “Assim como a internet, a IA veio para ficar — no Comércio, nos Serviços, no Turismo, na Saúde e no cotidiano das pessoas. E será cada vez mais uma aliada para a automação e a personalização, com potencial de incrementar a produtividade das empresas em até 60%”, afirma Kelly Carvalho, assessora da FecomercioSP.

Levantamento da Page Interim, especializada em recrutamento, mostra que 76,6% dos brasileiros têm medo de perder o emprego para a IA. Há razão de ser. O Índice de Tendências de Trabalho 2024, realizado pelo LinkedIn em parceria com a Microsoft, aponta que os profissionais que não sabem usar a tecnologia já estão sendo descartados pelas empresas. O levantamento, que ouviu mais de 31 mil trabalhadores ao redor do mundo — incluindo o Brasil —, é categórico na afirmação: “A maioria dos líderes afirma que não contrataria alguém sem competências de IA”, revela. Por isso, quando o assunto é trabalho, o foco deve ser na capacitação do **capital humano** para lidar com a tecnologia, caso contrário, o País corre o risco de enfrentar escassez de mão de obra qualificada na área. “A IA não substitui o trabalhador, mas pode automatizar tarefas repetitivas e permitir que os profissionais sejam direcionados a atividades mais complexas”, explica Kelly. Para que isso aconteça, **educação** é indispensável. Em outras palavras, as corporações devem se preocupar com treinamento, ao passo que o Poder Público precisa oferecer educações básica, técnica e superior capazes de qualificar as pessoas para os desafios atuais. “É difícil fazer previsões, porque o avanço tecnológico é rápido e o cenário, complexo. Há muitas variáveis que interferem entre si”, completa Alexandre Del Rey, consultor da FecomercioSP.

Regulação e cooperação na área também devem entrar na agenda, mas com cautela. “Temos, sim, de olhar para parceiros no exterior para inspirar boas práticas. O que não podemos é criar uma regulação engessada que, para minimizar os riscos, iniba a inovação”, pondera Kelly. Com fundações firmes, o Brasil pode desenvolver um **ecossistema tecnológico** e despontar nessa nova fronteira.

INCLUSÃO DIGITAL

O avanço nacional é notável quando se trata de acesso à internet, mas o caminho até a **universalização** ainda não foi cumprido. Ao mesmo tempo, é hora de qualificar a **conectividade**. Em 2005, quando, pela primeira vez, a pesquisa TIC Domicílios, do Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br) foi realizada, só 1 em cada 8 residências contava com acesso à web. “Hoje, são 7 a cada 8”, reforça Fábio Storino, coordenador do estudo.

A despeito desse progresso, são **29 milhões de cidadãos offline**. “Essas pessoas estão excluídas de oportunidades de emprego e perdem chances de estudar online, sem contar o lazer e o acesso a serviços públicos, que são facilitados pela rede”, cita Storino. Dentre os sem acesso, há indivíduos localizados em territórios remotos, mas a maioria vive em áreas urbanas (24 milhões), em situação de vulnerabilidade econômica. E no grupo daqueles que têm acesso, a conexão é desigual. Alguns usufruem de internet rápida e estável durante o mês todo, usam serviços de **streaming** e desfrutam da rede em múltiplos dispositivos. Para outros, um único dispositivo com internet (o celular, geralmente) é compartilhado por várias pessoas, além de a rede ser instável e os créditos de planos pré-pagos acabarem antes do fim do mês. “Essa pessoa restringe a navegação aos aplicativos patrocinados. Temos 84% de usuários de internet, mas só 22% da população brasileira dispõe de uma **conectividade significativa**”, afirma Storino.

EM 20 ANOS, O ACESSO À INTERNET SALTOU DE 1 EM CADA 8 RESIDÊNCIAS PARA 7 EM 8. CONTUDO, SE 84% DA POPULAÇÃO USA A INTERNET, SÓ 22% DISPÕEM DE UMA CONEXÃO DE QUALIDADE

GOVERNO DIGITAL

Na dinâmica que envolve as cadeias globais de valor, a manufatura continua forte, mas está perdendo relevância para os serviços digitais. Na esfera pública, isso não é diferente. De acordo com Andriei Gutierrez, coordenador do Conselho de Economia Digital e Inovação da FecomercioSP, o País precisa de esforço coletivo para construir um projeto de nação para a **era digital**. “Como vamos nos inserir na divisão internacional do trabalho? Como seremos competitivos? Isso passa por uma discussão de estratégia, porém os ministérios de Ciência e Tecnologia e do Desenvolvimento, Indústria e Comércio seguem caminhos diferentes e não dialogam com os projetos de lei no Congresso”, diz.

Ainda assim, é preciso reconhecer que o governo federal tem promovido evolução na **cidadania digital**, com a unificação de serviços aos cidadãos em um único portal, carteira de identidade digital e provas de vida obtidas remotamente, por exemplo. Mas ainda há muito por fazer quando os assuntos são digitalização de serviços públicos para as empresas e qualificação profissional.

Criar uma **infraestrutura digital pública**, com o compartilhamento de base de dados, ajudaria a promover a inovação no ambiente estatal. Reduzir a burocracia é outro passo importante. “Uma das sugestões para promover o governo digital é a integração dos serviços para a empresa em um canal único por CNPJ que reúna todas as certidões, licenças e alvarás. Trata-se de uma oportunidade de reduzir custo e tempo”, sugere Gutierrez.

CIBERSEGURANÇA

Cidadãos, empresas, países. Segurança é pauta nas múltiplas esferas da vida dos mais diversos agentes sociais. No entanto, ameaças silenciosas ganham cada vez mais relevância e, por isso, as novas formas de proteção pouco têm a ver com grades ou policiamento. “A competitividade e a própria sobrevivência de empresas e nações dependem da segurança cibernética. Além de **vazamento de dados** e segredos corporativos, ataques digitais podem travar a operação de companhias ou países inteiros”, alerta o advogado Rony Vainzof, consultor da FecomercioSP. Ademais, ser vítima de um ataque pode trazer **danos colaterais**, como desvalorização das ações e perda de reputação. A cibersegurança é, portanto, mais que uma pauta técnica, é estratégia de sobrevivência.

A chamada **higiene digital** poderia evitar boa parte dos incidentes. São medidas simples e de baixo impacto financeiro — como manter os softwares atualizados e usar logins com dois ou mais fatores de autenticação —, mas que exigem mudança cultural. “Esse conjunto de práticas exige um novo comportamento, porém traz mais segurança tanto ao mundo dos negócios quanto à vida das pessoas comuns”, aconselha o advogado.

Quanto a empresas ou governos, é necessário também desenvolver capacidades de prevenção, monitoramento, análise e **resposta a incidentes**, com diretrizes claras para o enfrentamento de crises. “É preciso governança e simulação de ocorrências para saber reagir adequadamente. Como identificar as causas? Como reportar às autoridades e à sociedade?”, questiona Vainzof.

CIÊNCIA

Durante o século 20, desenvolvimentos científicos na Saúde, na Alimentação e no Saneamento Básico foram responsáveis pelo salto na expectativa de vida do brasileiro de 33 para 70 anos. Agora, a ciência se volta para as pautas fundamentais da atualidade, como a **Emergência Climática e a Violência**. Afinal, a função do método é servir à sociedade. “São questões importantes, com muito desenvolvimento científico disponível. No entanto, alguns não querem ouvir o que a ciência diz”, afirma Renato Janine Ribeiro, presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC).

Emerge, assim, a importância de um diálogo entre quem produz conhecimento e quem gera riqueza econômica. Nesse sentido, o Brasil precisa enfrentar adversidades específicas, como lidar com um Agronegócio marcado pelo **negacionismo** em relação à pauta do clima. Negar o que já é fato no meio científico é um contrassenso, segundo o presidente da SBPC. “Nossa produção agrícola cresceu graças à ciência — por exemplo, as pesquisas de Johanna Dobreiner sobre a fixação do nitrogênio no solo”, exemplifica Ribeiro.

Entretanto, mesmo a ciência é aberta a surpresas: **serendipity** é a possibilidade de encontrar, ao acaso, algo relevante enquanto se pesquisa outro tema. O ano de 2025 pode trazer o inesperado.

**A CIÊNCIA JÁ ENCONTROU MUITAS
RESPOSTAS PARA AS QUESTÕES QUE
DESAFIAM O PRESENTE E O FUTURO,
MAS O NEGACIONISMO AINDA
ATRAVANCA A EVOLUÇÃO NECESSÁRIA**

o tema é



LEDADE

DESIGUALDADE

Em 2023, o 1% mais rico da população brasileira teve uma renda mensal média de R\$ 20.664 — 39,2 vezes superior à dos 40% mais pobres, cuja renda era de apenas R\$ 527, segundo uma edição especial da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O abismo que separa esses dois polos é apenas uma das facetas da crônica desigualdade nacional. Essa disparidade também se reflete no acesso ao mercado de trabalho — em 2022, o **desemprego** era de 14% entre mulheres negras, enquanto entre homens não negros era de apenas 6,3% — e na **violência**, com pessoas pretas representando 76,9% das vítimas de mortes violentas intencionais.

Assim como há desigualdade entre indivíduos, existem também disparidades regionais, perceptíveis desde o nascimento. A taxa de **mortalidade infantil**, por exemplo, é 59% maior na Região Norte (15,01 por mil nascidos vivos) do que na Região Sul (9,45 por mil nascidos vivos). Na primeira infância, enquanto no Sudeste 50,5% das crianças de zero a três anos não frequentam creches por falta de vagas, essa proporção chega a 80,3% nos Estados do Norte.

O mais recente relatório do Observatório Brasileiro das Desigualdades defende que o País precisa, com urgência, monitorar esses contrastes de forma mais assertiva, ampliando o acesso aos índices de estoque de riquezas e aprimorando o sistemas de informação de saúde e dados municipais de cadastros fundiários, além de passar a produzir indicadores sobre **racismo ambiental**. Afinal, um conjunto sólido de dados é fundamental para construir políticas públicas que possam minimizar, de fato, a desigualdade.

EDUCAÇÃO

Por dois anos, o Ministério da Educação, que trabalhou para reestruturar a coordenação com Estados e municípios, lançou programas como o Pé-de-Meia — que dá bolsas a estudantes carentes do ensino médio — e a Política Nacional de Alfabetização. É esperado que os efeitos dessas medidas não sejam imediatos, mas 2025 será o ano de avaliar se as ações seguiram pelo rumo esperado. “O **Pé-de-Meia** é uma política cara e o carro-chefe da gestão atual. Vamos ver se teve impacto sobre frequência, aprovação e participação no Enem [*Exame Nacional do Ensino Médio*]”, ressalta Ivan Gontijo, gerente de Políticas Educacionais do Todos pela Educação (TPE). Na **alfabetização**, são os municípios os responsáveis pela implementação da política, que avaliarão se as redes estão sendo capazes de fazer o que a norma prevê. “O regime de colaboração para apoiar as cidades está mais consolidado, então, há cenários favoráveis. Além da alfabetização, o foco dos prefeitos deve ser expandir o acesso à creche”, afirma o especialista.

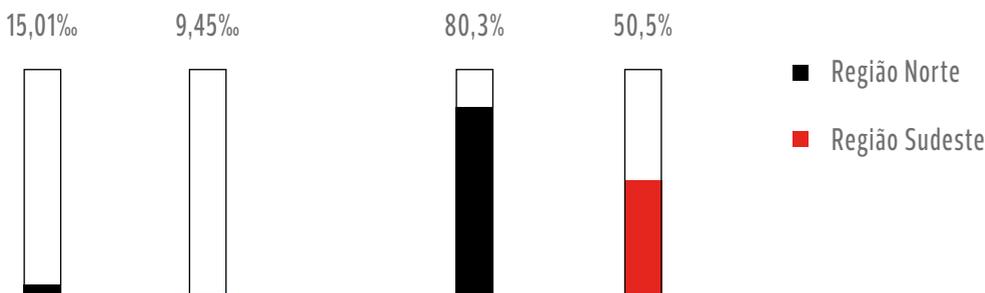
A formação inicial de professores vem sendo avaliada e pode sofrer mudanças na regulamentação, assim como é provável o lançamento de uma medida que discipline o uso de celulares nas escolas. Para o Congresso, a lição de casa é a aprovação do **Plano Nacional de Educação**, já enviado pelo governo ao Legislativo, com as diretrizes para os próximos dez anos.

E, enfim, as mudanças trazidas pelo **Novo Ensino Médio** chegarão aos alunos. Espera-se, por exemplo, um ciclo de aumento na oferta de educação profissionalizante. “Temos apenas 20% das matrículas em educação técnica, apesar da alta demanda. Hoje, esse tipo de ensino é restrito, e a sua expansão é um desafio nacional”, avalia Gontijo.

DISPARIDADE REGIONAL

Mortalidade infantil (por mil)

Crianças de até 3 anos fora da escola



SAÚDE

A **pandemia** de covid-19 afetou a saúde do brasileiro não apenas de forma direta. Indicadores como **desnutrição** infantil e **mortalidade materna** pioraram em 2020. A boa notícia é que já há tendência de queda, que deve se consolidar em 2025. O índice de **cobertura vacinal**, que em 2021 marcou o seu pior momento, também voltou a subir. “De maneira ampla, podemos dizer que a saúde está melhorando, mas ainda sentimos impactos da pandemia em **doenças crônicas**, que deixaram de ser atendidas, e em diagnósticos tardios”, explica Mariângela Simão, presidente do Instituto Todos pela Saúde (ITpS). Às marcas da pandemia, juntam-se problemas mais recentes e locais, como a epidemia de **dengue**. “Essa doença é uma ameaça concreta para 2025, e ainda não teremos vacina para todos. Portanto, o foco deve ser fortalecer a resposta aos casos, evitar que as pessoas morram”, afirma Mariângela. Segundo ela, há protocolos de diagnóstico e tratamento que reduzem a letalidade.

O País também precisa enfrentar com urgência as questões de **saúde mental**, em franca expansão desde o ano 2000. De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), 23 milhões de brasileiros têm algum distúrbio como ansiedade, depressão, esquizofrenia ou bipolaridade. O Brasil lidera o ranking mundial de ansiedade e detém a maior taxa de depressão da América Latina. Além disso, o suicídio é a causa da morte de 15 mil brasileiros todos os anos.

Outro mal entre as chamadas doenças da vida moderna é a **obesidade**. Também com o números de casos em alta, pede uma abordagem preventiva e multidisciplinar. “Caberia aos governos tornar as escolhas saudáveis mais fáceis. No entanto, na prática, não há locais para atividade física nas cidades, e o preço dos alimentos ultraprocessados é menor do que dos produtos in natura”, afirma.

“A IDENTIDADE NÃO É ALGO QUE SE DEPREENDE DA APARÊNCIA DE MODO NATURALIZADO. É UMA FORMA DE AFIRMAÇÃO CULTURAL E POLÍTICA.”

IKA LEITE, coordenadora do Núcleo de Estudos de Identidades e Relações Interétnicas da Universidade Federal de Santa Catarina (Nuer/UFSC)

IDENTIDADES

O último Censo do IBGE, de 2022, revelou que 55,5% da população se identificava como preta ou parda, superando a quantidade de brancos pela primeira vez desde que os recenseamentos começaram a ser realizados no País, em 1872. Além disso, a proporção de pretos mais que dobrou entre 1991 e 2022, alcançando 10,2%. Para o próprio IBGE, que usa como critério a autoidentificação, a mudança não reflete apenas a questão demográfica, mas também os fenômenos sociais.

“As políticas de **ações afirmativas** e, antes disso, os efeitos dos movimentos de consciências negra e indígena propiciam que cada vez mais pessoas saiam de uma posição encolhida e humilhada pelo discurso da inferioridade imposto pelo **racismo** e passem a se ver com positividade, afirmação e orgulho”, explica a professora Ika Leite, coordenadora do Núcleo de Estudos de Identidades e Relações Interétnicas da Universidade Federal de Santa Catarina (Nuer/UFSC). “A identidade, portanto, não se depreende da aparência de modo naturalizado, como pregava o racismo científico do século 19. É uma forma de **afirmação cultural e política**”, destaca.

Se o Censo dá provas da mudança do perfil étnico-racial, a afirmação de identidades diversas, que abrangem das questões de **gênero** às etárias, é sentida por todos no dia a dia. “Nas sociedades democráticas e com mais livre-arbítrio, os sujeitos são mais propensos a manifestar suas diversidades, pois podem expressá-las com mais liberdade e autonomia”, afirma.

INSEGURANÇA PÚBLICA

Empresas brasileiras gastam R\$ 170 bilhões todos os anos para minimizar os danos causados pela falta de segurança pública — como roubos, furtos e violência física —, segundo estudo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). A conta é paga por todos, já que esses custos são repassados aos produtos e serviços consumidos pela população. E, claro, o montante financeiro significa apenas uma parte do custo da violência, pois esta acarreta danos incalculáveis quando falamos de medos, traumas e vidas interrompidas. “O Brasil mata 50 mil pessoas a bala e 50 mil em acidentes de trânsito por ano. Não podemos achar que isso é normal”, diz Fabio Pina, assessor da FecomercioSP.

A criminalidade é real. No entanto, às vezes, a percepção que as pessoas têm sobre o tema não condiz com a realidade. “A Cidade de São Paulo é a capital mais segura do País em termos de homicídios, a despeito de não ser percebida assim”, cita o assessor. O **sentimento de insegurança** não vem das estatísticas, mas do que as pessoas vivenciam e da sensação de impunidade.

Melhorar a segurança exige discussões contínuas, sérias e técnicas. “Infelizmente, não é isso que vemos acontecer. A questão só é debatida em ano eleitoral e com viés ideológico”, avalia Pina. Penas alternativas para crimes não violentos, boa zeladoria nas cidades, formas reais de ressocialização e políticas de combate ao tráfico precisam marcar presença na agenda de toda a sociedade.

700 FRASES
QUE TRADUZEM
O PAÍS

UM BRASIL

EDIÇÃO ESPECIAL 10 ANOS

”

QUANTOS BRASIS VOCÊ ENCONTRA EM UMA PÁGINA? E EM 377?

Ao longo dos 10 anos do Canal UM BRASIL, realizamos cerca de 600 entrevistas em busca de respostas sobre o País.

Para comemorar essa década de descobertas, lançamos e produzimos um livro com 700 frases que resgatam a essência das nossas conversas.

A publicação ultrapassou fronteiras e, em julho deste ano, conquistou Bronze no Prêmio Lusófonos da Criatividade, na categoria Sustentabilidade/ Problemas Sociais, em Lisboa.

Você também pode mergulhar em todas as histórias — e em todos os Brasis — que as páginas do livro revelam.

BOAS LEITURAS!



UTILIZE
O CÓDIGO QR
E BAIXE O
SEU EXEMPLAR
GRATUITO

UM
BRASIL
10 ANOS

O PAÍS ANALISADO
EM ENTREVISTAS
QUE FAZEM
HISTÓRIA



@canalumbrasil

UMA REALIZAÇÃO

FECOMERCIO SP | sesc senac



4



Gigante e desigual

Além de conteúdos exclusivos, o site da **PB** publica reportagens da revista impressa. E uma delas, da edição #481 (jun/jul), ficou entre as mais lidas. Em 2023, o Brasil chegou à nona posição entre os países mais ricos do mundo e deve saltar para o sétimo lugar em 2024. Mas a alta concentração de renda também nos faz protagonistas de outro ranking, nada nobre — o das nações mais desiguais do mundo. A presença nas duas classificações prova que o crescimento da economia como um todo, e por si só, não é capaz de reverberar nas condições de vida da população.



Batalha campal

De 1988 a 2023, foram registradas 300 mortes em conflitos entre torcedores de futebol. Além da violência, crescem as ocorrências de racismo, principalmente em partidas envolvendo times brasileiros e sul-americanos. Nessas situações, a legislação está mais rigorosa. Desde janeiro de 2023, o racismo deixou de ser tratado como injúria racial e passou a ser crime imprescritível e inafiançável. Para reduzir as ocorrências, a nova Lei Geral do Esporte ampliou as responsabilidades e punições para clubes e torcidas organizadas, medida considerada polêmica.

3



2

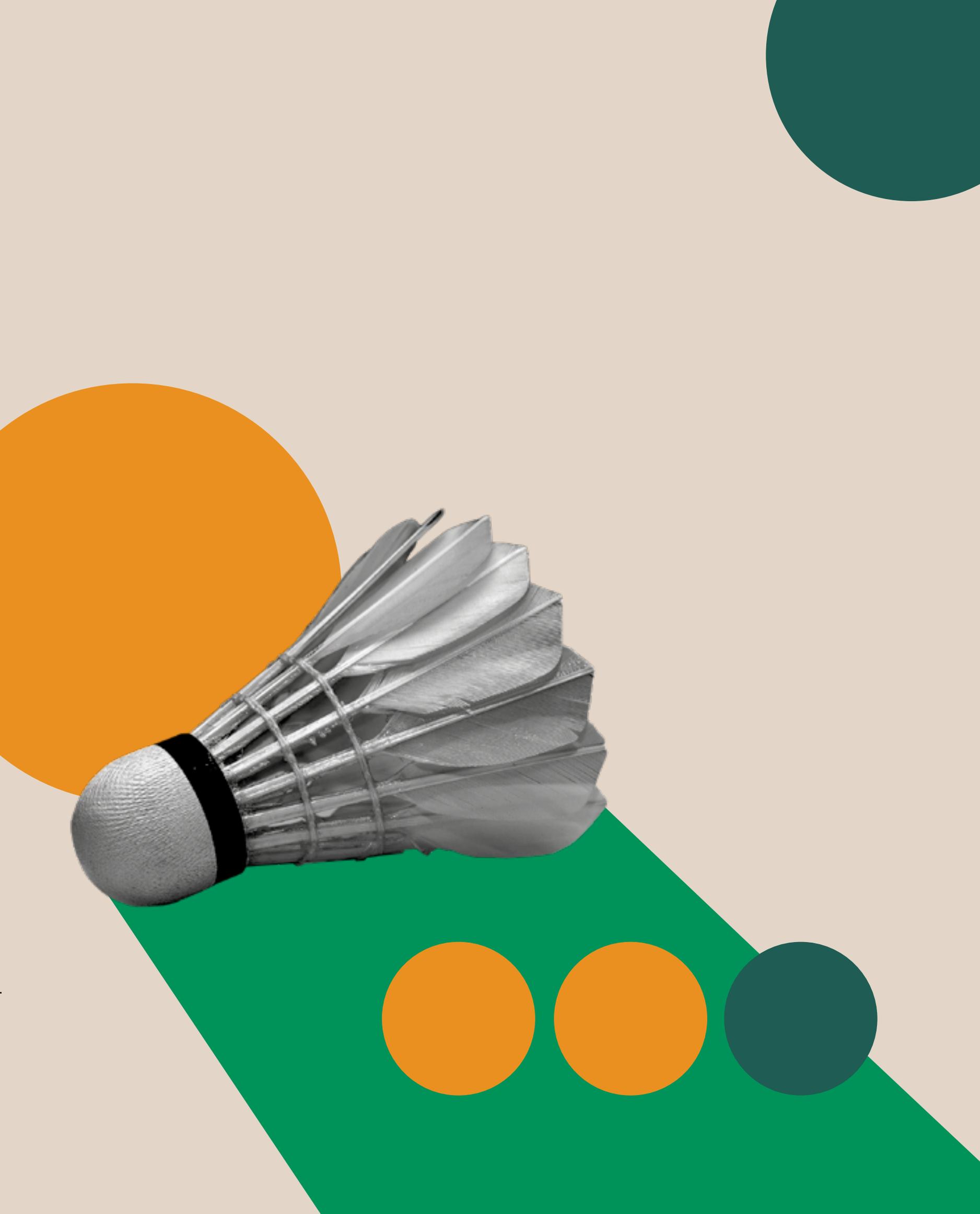
Nação ansiosa

Enquanto o movimento Wait Until 8th (“Espere até o Oitavo Ano”, em tradução livre) — que defende que crianças não tenham celulares até os 14 anos — ganha força em todo o mundo, o Brasil protagoniza um ranking alarmante: 9,3% da população já recebeu o diagnóstico de ansiedade, o maior índice do planeta, segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS). E pela primeira vez, os casos entre crianças e adolescentes superaram os de adultos.

1

DAS ALDEIAS PARA O MUNDO

A palavra “peteca” é de origem tupi e significa estapear, bater com as mãos. O brinquedo surgiu de sobras encontradas nas tribos: a palha do milho dobrada é a base, recheada com areia e tocos de madeira; e as penas das aves, amarradas em cima, têm a função de dar equilíbrio, além de servir de adorno. A brincadeira com o objeto tornou-se esporte quase sem querer. Incorporado à rotina de crianças brasileiras de todas as origens, logo foi adotado no aquecimento de esportistas. Em 1920, competidores do País levaram petecas para os Jogos Olímpicos na Bélgica, o que despertou a curiosidade de atletas de outros países. E foi assim que ela ganhou o mundo, com o jogo “indiana” — da junção de “indian” e “peteca”.

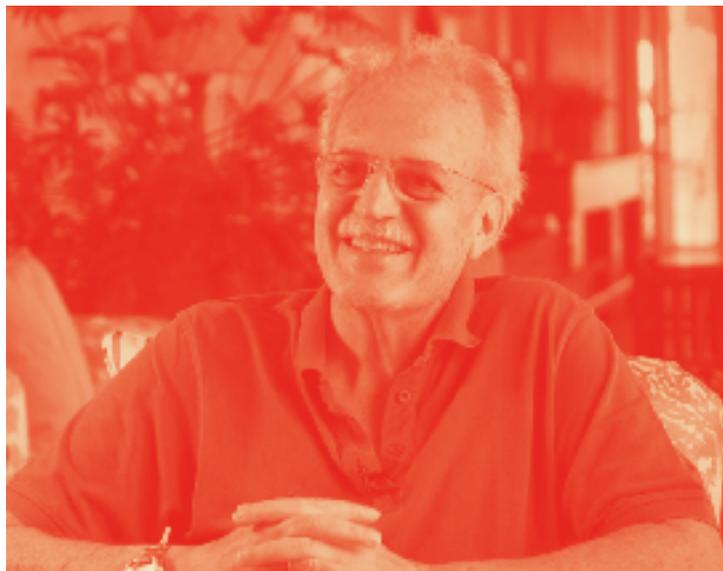


DEZ OLHARES PARA O NOVO ANO

A Revista **Problemas Brasileiros** reuniu dez especialistas em suas respectivas áreas de conhecimento em torno de uma pergunta: o que esperar de 2025? As respostas foram tão diversas quanto as dificuldades e oportunidades que aguardam o Brasil. Dentre as principais preocupações, os entraves para o crescimento, a busca por soluções que minimizem os efeitos das mudanças climáticas e a polarização. Olhando por outro prisma, são esperados avanços no combate às doenças infecciosas, no uso prático e mais disseminado da Inteligência Artificial (IA) e na discussão sobre o bem-estar de crianças e adolescentes no ambiente escolar.

Muitas das reflexões dos entrevistados revelam as dicotomias que definem o nosso tempo. Enquanto a IA generativa acelera tarefas, há retrocessos em áreas essenciais, como a queda na cobertura vacinal, o que pode reintroduzir doenças praticamente erradicadas. Quanto ao clima, a urgência da transição energética contrasta com o potencial ainda inexplorado do País para liderar um movimento global de descarbonização. Assim, 2025 desponta como um ano em que se espera uma maior integração entre tecnologia, sociedade, políticas públicas, meio ambiente e saúde, com o potencial de moldar um futuro mais sustentável.

texto ANA PAULA RIBEIRO



CARLOS NOBRE, climatologista e referência mundial em estudos sobre o aquecimento global

“O mundo está em risco total”, afirma, pessimista, o cientista Carlos Nobre, um dos principais nomes no mundo quando o assunto é crise climática. Diante das sucessivas — e cada vez mais fortes — ondas de calor que atingem o planeta, e das queimadas que assolaram parte relevante do território nacional em apenas dois meses, ele é categórico: as metas de redução de emissões precisam ser antecipadas.

Há mais de um ano, a temperatura média global está 1,5°C acima do registrado antes da Revolução Industrial. Se esse patamar persistir em 2025, haverá um risco exacerbado de chegarmos ao ponto que a comunidade científica imaginava que a Terra atingiria apenas entre 2033 e 2035. E por que a preocupação? “É uma antecipação perigosa. Mostra que as metas estipuladas no Acordo de Paris e nas COPs [Conferências das Nações sobre Mudanças Climáticas] 26 e 28 podem ser insuficientes”, reforça. Nobre lembra que um dos compromissos da edição 26, em 2021, era reduzir em 42% as emissões em comparação a 2019 e zerá-las até 2050, o que seria suficiente para limitar o aumento da temperatura de 1,5°C a 2°C até 2050.

No entanto, um planeta 1,5°C mais quente, mesmo que ainda não esteja em situação permanente, já causou recordes de eventos extremos. A persistência desses patamares exige uma rápida redução das emissões para chegar ao net zero (redução a zero das emissões líquidas de Gases de Efeito Estufa — GEEs) antes de 2050. Isso pode evitar o ponto irreversível, um “ecocídio do planeta”, nas palavras do próprio Nobre.

Algum refresco pode vir do La Niña, fenômeno climático que tem como efeito o resfriamento das águas do Oceano Pacífico. Contudo, o evento deve ocorrer em uma intensidade entre fraca e moderada, o que não será suficiente para reverter o aquecimento já registrado. Então, é fundamental, em nível mundial, diminuir o uso de combustíveis fósseis. No Brasil, país menos dependente do recurso natural, o desafio é zerar o desmatamento e adotar pecuária e agricultura regenerativas. Ademais, no curto prazo, combater as queimadas, muitas das quais criminosas. “Se, no ano que vem, durante a COP30, em Belém, o nível de queimadas for o mesmo, o mundo inteiro vai cobrar o País”, alerta.

EDUARDO SALVALAGGIO, CEO da Dishubtive e especialista em IA

O que há pouco tempo ainda parecia coisa de ficção científica se tornou realidade: a Inteligência Artificial (IA) saiu dos laboratórios e chegou ao cotidiano, do trabalho ao lazer. Na mídia, o assunto saiu das páginas de tecnologia e se tornou constante em outras editorias, da política ao comportamento. Ainda assim, só para 2025 é esperada uma maior aplicabilidade das ferramentas generativas, que vão muito além do ChatGPT. A avaliação é de Eduardo Salvalaggio, especialista no tema e CEO da Dishubtive. Segundo ele, o Comércio e, principalmente, a Indústria logo começarão a tirar proveito da ferramenta. “A IA generativa já permite reescrever a descrição de um produto ressaltando os atributos que o consumidor mais valoriza. É a época da hipersegmentação e da hiperpersonalização”, afirma. Salvalaggio — que lançou o primeiro curso sobre o assunto no Brasil — acredita que o comércio eletrônico já deu passos importantes na aplicação da IA e logo será corriqueiro apresentar produtos, informações e cenários próximos às preferências do consumidor.

Na Indústria, uma das aplicações mais aguardadas é o uso da IA na sugestão de paradas programadas em máquinas e linhas de produção. No entanto, para isso ser realidade, as empresas precisam de profissionais com repertório para avaliar e pôr em prática as sugestões da ferramenta. “É uma tecnologia que funciona como um *booster*. O ser humano dá algumas informações, e a IA responde. Quanto mais dados você fornecer, maior será o retorno. Com um profissional bem treinado, a máquina é mais produtiva”, avalia.

Diante de avanços que impressionam, o especialista chama a atenção para uma questão preocupante: com a popularização da IA, um dos maiores desafios da sociedade é (e será) a disseminação de *fake news*.





Divulgação

RAUL VELLOSO, economista especialista em contas públicas

Ao longo de 2024, as discussões sobre os rumos da economia brasileira fincaram o pé no equilíbrio fiscal — e de lá não devem sair tão cedo. Outros indicadores tradicionais para sentir o clima do dinheiro, como juros e inflação, serão pautados pela forma como o governo cuidará das contas. A avaliação é do economista Raul Velloso, uma das maiores autoridades em orçamento público do País. “Há uma preocupação com a evolução da dívida pública, e isso não vai sair do radar. Frente à percepção de maior endividamento, o mercado financeiro vai cobrar”, afirma.

Segundo Velloso, o que está sob o escrutínio dos diversos agentes econômicos é a capacidade do governo de entregar um resultado primário positivo, ou seja, que as receitas superem as despesas e, principalmente, a dinâmica do crescimento dos gastos. Essa é a grande questão, aponta o economista.

O novo arcabouço fiscal, em vigor desde meados de 2024, estabelece que o resultado primário possa oscilar até 0,25 ponto porcentual do Produto Interno Bruto (PIB), para mais ou para menos. Mas há dificuldades para cumprir essa meta, principalmente em decorrência dos custos com aposentadorias e benefícios sociais. Para se ter uma ideia, em 1987, os gastos assistenciais e com a Previdência Social representavam 28% das despesas do governo, fatia que saltou para 68% em 2021. E não parou por aí: só entre janeiro e julho de 2024, o ritmo de crescimento desses gastos foi de 4,7%, já descontada a inflação. “E não há perspectiva de alívio, uma vez que a população brasileira está envelhecendo, o que aumenta esses custos, sem as receitas”, lembra o economista.

Se a meta é que os gastos cresçam no máximo 2,5%, mas com as despesas de maior peso no orçamento subindo num ritmo duas vezes maior, a conta não fecha. “É um objetivo ambicioso. Caso o governo não adote medidas, como o combate às fraudes, haverá uma pressão para que os juros subam, o que tem efeitos em toda a economia.”

Divulgação

RICARDO BASTOS, diretor de Relações Institucionais e Governamentais da GWM Brasil

O mercado de carros elétricos no Brasil deve quintuplicar até 2027, mostra relatório da Bloomberg New Energy Finance (BNEF). Somente em 2024, as vendas cresceram mais de 100%, segundo a Associação Brasileiro do Veículo Elétrico (ABVE). Além desses dados, o potencial nacional para se tornar uma base exportadora a toda a América Latina faz parte do checklist de motivos que trouxeram a montadora chinesa Great Wall Motors (GWM) para o País, onde deve inaugurar uma fábrica ainda no primeiro semestre de 2025. “Mesmo nos momentos mais difíceis, o mercado brasileiro sempre esteve entre o quinto e o oitavo no ranking mundial, tanto em produção quanto em vendas, e há uma excelente base de fornecedores, com alta capacidade tecnológica”, explica Ricardo Bastos, diretor de Relações Institucionais e Governamentais da GWM Brasil. Outro fator que inseriu o País na rota de interesse da montadora chinesa é a sua matriz

energética, uma das mais limpas do mundo.

A fábrica será instalada em Iracemápolis, em São Paulo, onde antes havia uma fábrica da Mercedes-Benz. A instalação contrasta com um dado importante: a Indústria, que chegou a gerar quase metade de toda a riqueza do País, hoje, participa com menos de um quarto do Produto Interno Bruto (PIB). Especialistas apontam que a corrida pela descarbonização pode ser uma oportunidade para reverter essa desindustrialização. A GWM segue a conterrânea BYD, que deve iniciar a produção em Camaçari, na Bahia, no início de 2025, onde anteriormente existia uma fábrica da Ford.

Contudo, o potencial visto pelas chinesas contrasta com questões perenes que mantêm, ano após ano, o ambiente de negócios desafiador para quem quer investir. Segundo Bastos, a primeira delas é a complexidade do sistema tributário, que ainda não sente os efeitos da recente reforma. Há, ainda, a insegurança jurídica. “Falta previsibilidade quanto às regras do setor”, afirma. Um exemplo é o aumento do imposto de importação de carros elétricos, que está sendo cobrado de forma escalonada até 2026.



CLÁUDIO COUTO, cientista político e coordenador do mestrado em Gestão e Política Pública na Fundação Getulio Vargas (FGV)

O ano de 2025 não é de eleição. Ainda assim, o “esquenta” para a corrida presidencial, que só acontece mesmo no ano seguinte, deve marcar o debate político ao longo do ano, com acirramento da polarização política e crescimento do discurso antissistema, afirma o cientista político Cláudio Couto. Segundo ele, essas discussões devem ganhar os holofotes mesmo diante de debates urgentes de pautas importantes para o País, como a regulamentação da Reforma Tributária. “A polarização vai não apenas se manter, como também se intensificar. Não vejo caminho, no momento, para romper essa tendência”, prevê Couto. “Vamos ter de conviver com essa oposição, figuras que discursam contra o sistema devem ganhar espaço, sempre no espectro mais à direita”, completa. Uma das razões para a escalada dessa polarização

está no avanço dos processos que investigam os atos antidemocráticos de 8 de janeiro de 2023, que devem culminar no indiciamento do ex-presidente Jair Bolsonaro e de alguns de seus aliados.

Na avaliação de Couto, políticos “antissistema”, como o candidato derrotado à Prefeitura de São Paulo, Pablo Marçal, e o próprio Bolsonaro de 2018, contam com o apoio da parcela mais conservadora da população, que viu os próprios valores confrontados com o avanço de pautas progressistas em anos anteriores. Em contraste, a esquerda enfrenta uma crise de representatividade e força. Desde a deflagração da Operação Lava Jato, a recessão de 2015 e o impeachment de Dilma Rousseff, em 2016, os partidos de esquerda não conseguem recuperar espaço. De acordo com Couto, a nova configuração política do País reforça a ideia de que o conservadorismo é uma tendência sólida na sociedade brasileira, que se opõe às pautas progressistas e identitárias, e é mais facilmente mobilizada por políticos de direita.



Divulgação

Divulgação



DAWISSON LOPES, pesquisador sênior do Centro Brasileiro de Relações Internacionais (Cebri)

A dinâmica de poder entre as nações está em constante transformação — e não é mais possível falar de relações internacionais sem inserir a pauta ambiental no centro do debate. Assim, o Brasil terá, em 2025, a chance de se consolidar como o principal interlocutor da transição energética no mundo, mas também terá que lidar com temas sensíveis na sua agenda internacional. A avaliação é de Dawisson Lopes, especialista em política internacional e pesquisador sênior do Centro Brasileiro de Relações Internacionais (Cebri).

Lopes ressalta que, apesar de protagonista quando o assunto é clima, o País patina na busca pelo fortalecimento da América do Sul em âmbito global. Além disso, adotou posições menos alinhadas com o Ocidente em relação aos grandes conflitos em andamento — Ucrânia e Oriente Médio. “O Brasil buscou uma posição independente. Condenou a invasão da Rússia, mas foi pragmático e não houve sanções. E

condenou o ataque do Hamas, em outubro de 2023, mas critica a reação de Israel, o que incomoda as nações que estão no guarda-chuva da Otan [Organização do Tratado do Atlântico Norte]”, analisa o pesquisador. Outro tema sensível para o Brasil são os esforços para tornar a América do Sul uma região de maior destaque. Nesse *front*, o País deixou de contar com a Argentina, segunda maior força da região, hoje sob o governo de Javier Milei, que não compartilha do mesmo desejo do governo brasileiro.

De qualquer modo, o foco nacional em busca de maior relevância regional deve ficar em segundo plano, pois o tema que deve dominar a relação do País com o exterior, em 2025, é a 30ª Conferência da ONU sobre Mudanças Climáticas, a COP30, que será realizada em Belém, no Pará. É nesse palco que o governo deve angariar apoio para o financiamento de uma transição energética que possibilite a inclusão de nações menos desenvolvidas. “O Brasil é, de longe, o país com a matriz energética menos poluente. No encontro, teremos vitrine para mostrar as condições de sermos uma potência quando se trata de governança ambiental”, conclui Lopes.

CIDA BENTO,
doutora em Psicologia, conselheira do Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades (Ceert) e autora de ‘O pacto da branquitude’

O resultado das eleições municipais, com predominância de partidos à direita do espectro político, pode levar à leitura de que 2025 será de retrocesso nas pautas ligadas a gênero, raça, direitos humanos e justiça social. No entanto, para a pesquisadora Cida Bento, o que ocorre é um movimento de resistência. “Precisamos entender que não se trata de retrocesso, mas da reação frente ao avanço significativo dos grupos identitários”, afirma. Na avaliação da psicóloga, houve conquistas importantes nos últimos anos em termos de igualdade social. Nesse ambiente, é natural que parte da sociedade, mais conservadora, se mova para impedir esses avanços.

A crescente violência, principalmente contra mulheres e negros, é reflexo desse cenário. “O aumento da intolerância e dos episódios de agressão é indicativo de que as vitórias conquistadas estão sendo questionadas”, explica. Cida ressalta que essa resposta agressiva é sintoma claro do receio que muitos têm do fortalecimento de vozes historicamente marginalizadas. Mesmo que os avanços ainda sejam limitados, a pesquisadora ressalta que há uma nova postura ao contemplar pautas de direitos humanos nas áreas de Educação, Violência Urbana e Segurança Alimentar, por exemplo.

Perante a queda de braço entre progressistas e conservadores, 2025 será o momento para aprimorar estratégias e fortalecer lutas identitárias quanto aos poderes econômico, social e político. Isso, na visão de Cida, passa por uma melhor compreensão e pelo diálogo entre os mais diversos campos ideológicos presentes na sociedade.

Agência Brasil



Divulgação



LUCIANE TOGNETTA,
psicóloga e especialista em convivência e violência nas escolas

O recente caso de suicídio de um adolescente negro e bolsista num colégio de elite de São Paulo reacendeu o debate sobre saúde mental e *bullying*, pauta que deve se manter forte em 2025. A avaliação é de Luciane Tognetta, pesquisadora e autora de obras sobre violência no ambiente escolar. Segundo ela, o desempenho acadêmico deve andar ao lado da construção de espaços saudáveis. “Não é possível ter bons resultados sem o que se chama de bem-estar emocional. Nesse sentido, a escola vai precisar favorecer o convívio positivo e o conforto dos alunos para que haja bom desempenho”, afirma.

A preocupação com o tema é reforçada pela Lei 14.811, de 2024, que criminaliza o *bullying*, definido como intimidação sistemática por meio de violência física ou psicológica. Com a lei, tanto o autor das agressões quanto a escola onde os atos ocorreram podem ser responsabilizados. “A escola forma o indivíduo e não deve focar apenas em questões acadêmicas. Assim como se ensina matemática e outras disciplinas, a convivência também deve ser um objetivo de aprendizado”, afirma Luciane. Ela ressalta que os países que mais avançaram na criação de um ambiente escolar benéfico foram os que adotaram políticas públicas e planejamento para combater a intimidação sistemática e a violência.

O assunto também está no radar da Organização Mundial da Saúde (OMS). No Brasil, a incidência de ansiedade entre crianças e jovens já supera a dos adultos. Para a pesquisadora, a saúde mental dos alunos deve ser tratada com a mesma seriedade do que o *bullying*, já que ambos se desenvolvem de forma paralela. “Um dos grandes tópicos da Educação é o aumento do sofrimento emocional entre as crianças, motivado por atos violentos, muitas vezes velados.”

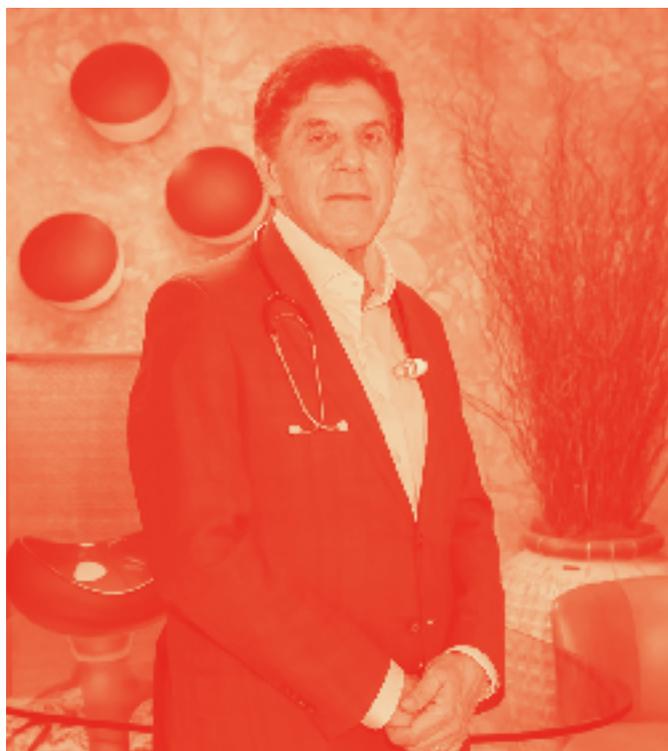
Formação contínua dos educadores, programas de apoio psicológico e promoção de um espaço inclusivo são fundamentais para garantir uma escola mais propícia ao ensino de qualidade, em suas múltiplas abordagens.

DAVID UIP, infectologista

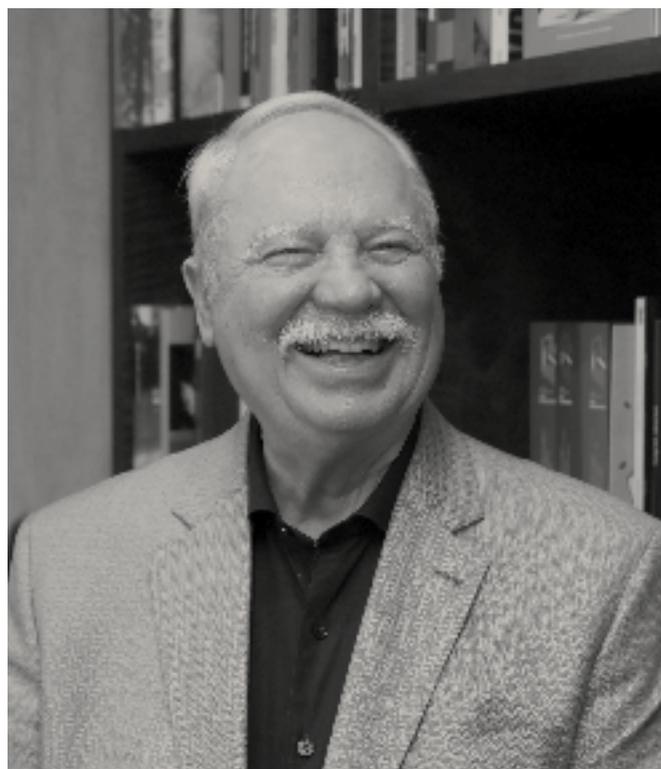
O Brasil registrou um número recorde de casos de dengue em 2024. Mais de 6 milhões de pessoas contraíram a doença, provocando 4 mil mortes. Mas a situação crítica que o País enfrentou, especialmente nos primeiros meses do ano, parece não ter servido de alerta. As doenças transmitidas pelo mosquito *Aedes aegypti* — que incluem também a zika e a chicungunha — vai desafiar, mais uma vez, as autoridades em 2025. O alerta é do médico infectologista David Uip, que já foi secretário de Saúde de São Paulo e participou da coordenação da covid-19 no Estado. “A vacina não vai conseguir cobrir toda a população, tampouco há previsão de condições climáticas diferentes. Com isso, o número de casos não deve diminuir”, avalia. Diferentemente do mosquito, outra ameaça é invisível a olho nu, mas também desafiadora: as bactérias super-resistentes. Na projeção de Uip, esses organismos podem ser responsáveis por 39 milhões de mortes no País até 2050.

E se a dengue deve continuar no noticiário, e as bactérias não combatidas com os antibióticos preocupam, Uip, felizmente, vê com otimismo a melhoria do enfrentamento das doenças infecciosas, muito por causa dos avanços nos diagnósticos moleculares, como os testes de PCR, e os histopatológicos, que são aqueles que estudam tecidos de seres vivos (biópsias).

No entanto, ainda há dois tópicos importantes de atenção: o combate ao negacionismo e o fortalecimento da divulgação científica de qualidade. Um exemplo do médico é o retrocesso da cobertura vacinal, que passou de 95% para apenas 67,5% — o que pode trazer de volta doenças erradicadas, como a poliomielite, e elevar o contágio de outras, como o sarampo. “Essa redução é um drama não só no Brasil. Há grupos que claramente são contra as vacinas, e isso é inadmissível. A imunização é um bem pessoal, mas também um bem para toda a população”, argumenta.



Divulgação



Adauto Perin

LUIZ GALINA, diretor regional do Sesc-SP

O ano de 2025 promete consolidar o fortalecimento da cultura, com mais incentivo à produção artística e aproximação com o público, afirma Luiz Galina, diretor regional do Sesc-SP. Dentre os destaques, a Bienal de Arte de São Paulo — que estimula o circuito artístico local —, os festivais literários e eventos com a temática da COP30, reforçando o cenário positivo. “A perspectiva é otimista. Há um processo em curso de fortalecimento da cultura em nível federal, cujos mecanismos de institucionalização, fomento e profissionalização estão sendo reconstruídos desde 2023, com o retorno do Ministério da Cultura”, afirma Galina.

O diretor reitera o potencial da cultura como geradora de empregos e renda, enfatizando a importância de uma coordenação competente entre o Poder Público e a iniciativa privada. Em meio a esse processo, há também um maior interesse do público. Galina cita a pesquisa Hábitos Culturais, do Observatório da Fundação Itaú, que mostra o aumento da participação da população em grandes e médios festivais, espetáculos, salas de teatro e cinemas desde o fim da pandemia da covid-19.

Galina ainda ressalta que o Brasil também tem observado a proliferação de movimentos culturais nas periferias, onde a juventude negra é protagonista. Esses grupos vêm utilizando diversas linguagens para expressar as próprias demandas e visões de mundo. O Sesc-SP, por sua vez, está em processo de expansão no Estado de São Paulo, com novas unidades e ampliação de espaços já existentes, prometendo uma oferta cultural ainda mais desenvolvida. “Vamos manter atenção especial à diversidade étnico-racial, que busca corrigir injustiças históricas com a representatividade nas artes”, diz. Aqui vale destacar a exposição sobre Abdias Nascimento e o Festival Sesc Culturas Negras.

2

0

&

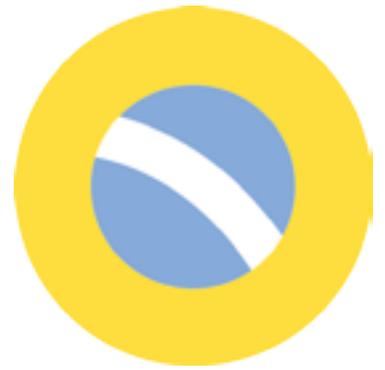
2

5

Advising global leaders

on a daily basis

Join the conversation



They stay informed with us

TIME

**FT FINANCIAL
TIMES**

**CNN
INTERNATIONAL**

**BBC
Worldwide**

The New York Times

**radio
france**

theguardian

npr



Winner of 'Best News Website'
at the Digital Media Awards - Americas 2024



Winner of 'Best Story'
at the 2024 Digiday Media Awards



Winner of 'Best Newsletter'
at the Digital Media Awards - Americas 2023

Discover us



Enjoy a 20% discount

Promocode:

PB20

For the first year

**THE
BRAZILIAN REPORT**

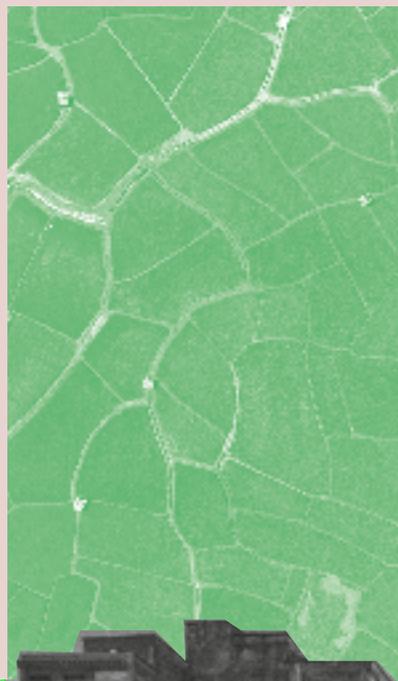
www.brazilian.report

COMPROMISSO COM UM FUTURO SUSTENTÁVEL? MERCADO NA NOSSA AGENDA VERDE!

O meio ambiente exige atenção, atitudes e mudanças urgentes!

No início do ano, sofremos com as enchentes no Rio Grande do Sul e, mais recentemente, as queimadas que devastaram áreas enormes dos nossos biomas.

Enquanto isso, o País se esforça para ser uma liderança no debate climático — tanto que, em novembro de 2025, receberá a COP30, das Nações Unidas, em Belém do Pará.



PENSANDO NISSO, A

FECOMERCIO-SP PRODUZIU

UMA AGENDA VERDE.

Não é de hoje que a Federação se mobiliza em torno do desenvolvimento sustentável.

E, agora, traz uma agenda pautada por seis aspectos essenciais:

extinção do desmatamento ilegal;

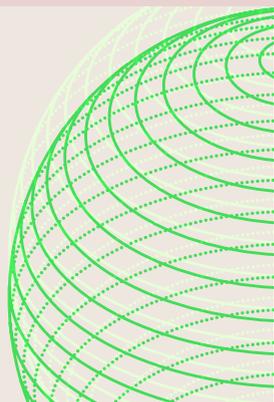
regulamentação do mercado de carbono;

aceleração da transição energética;

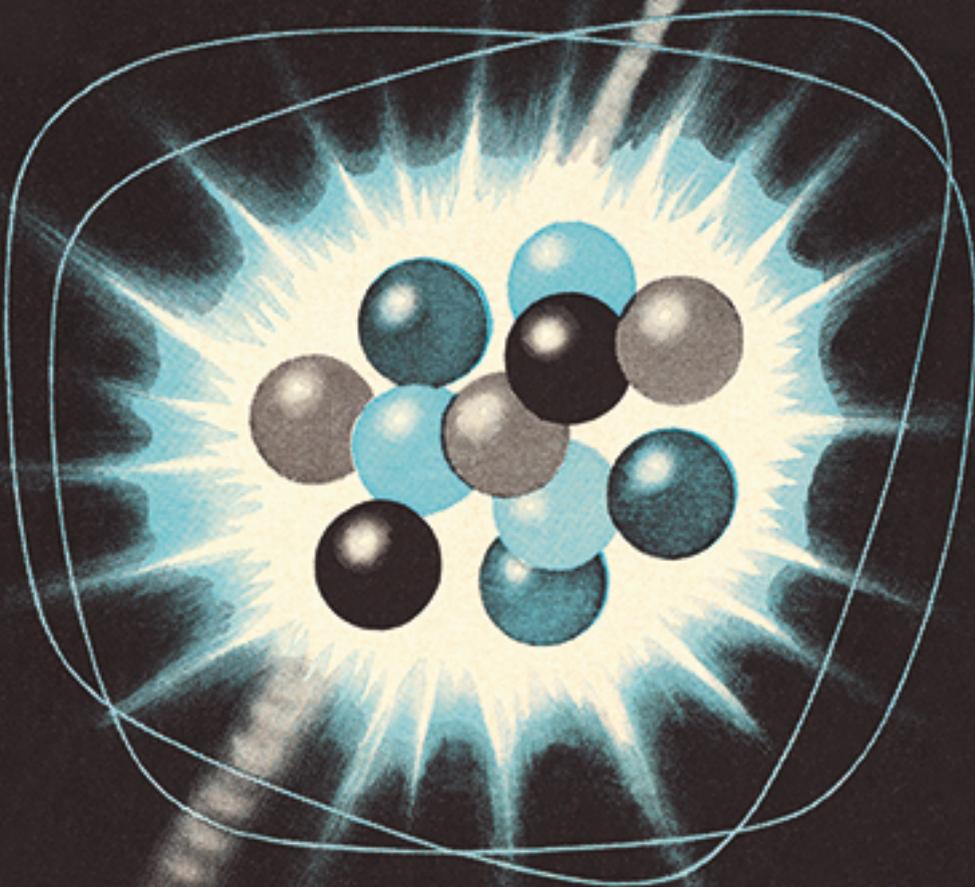
promoção da economia circular;

adoção de padrões mais responsáveis de consumo da água;

combate efetivo à poluição e aos incêndios florestais.



**QUER SABER
MAIS SOBRE A
AGENDA VERDE?
USE O CÓDIGO QR**



TECNOLOGIA QUE NÃO SE VENDE

Em 2019, o mundo celebra o Ano Internacional da Ciência e Tecnologia Quânticas (IYQ), definido pela Organização das Nações Unidas (ONU) para marcar um século de avanços nesse campo fascinante. Contudo, ainda que essas tecnologias sejam importantes para a segurança e a soberania dos países, o Brasil anda para trás. Um estudo recente, da BORI-Elsevier, revelou que nossa posição global em pesquisas na área caiu da 19^a para a 22^a na última década. Apesar do talento de nossos cientistas, a falta de investimento contínuo freia o progresso nacional nessa esfera revolucionária.



ANA PAULA MORALES
é jornalista e pesquisadora

SABINE RIGHETTI
é pesquisadora do Laboratório de
Estudos Avançados em Jornalismo,
da Universidade Estadual de
Campinas (Labjor-Unicamp)

*Ambas são cofundadoras
da Agência BORI*

O Brasil pode perder o bonde de uma das áreas de fronteira da ciência mundial, as tecnologias quânticas, se não tornar o assunto estratégico nos próximos anos. É o que mostra esse levantamento inédito, que analisou a produção nesse campo, entre 2014 e 2023. Os dados mostram uma queda na participação brasileira no cenário mundial: o País, que ocupava a 19ª posição na pesquisa em ciência e tecnologia quânticas em 2014, caiu para o 22º lugar em 2023. Há, porém, de acordo com especialistas, pesquisa de ponta sendo conduzida em território nacional — e um fôlego de investimento pode alavancar os trabalhos do País sobre ciência quântica.

As informações fazem parte de uma série de retratos que a Agência BORI e a editora científica Elsevier vêm fazendo em parceria, com o objetivo de munir o debate público com informações relevantes para políticas científicas e tomadas de decisão. Foram considerados, na análise, os artigos científicos sobre ciência e tecnologia quânticas publicados de 2014 a 2023, bem como o vínculo institucional dos pesquisadores que assinam os trabalhos. Os números são da base Scopus/Elsevier, e, para os cálculos, foi usada a ferramenta analítica SciVal/Elsevier. Para se ter uma ideia do que isso signifi-

ca, considerando todos os campos do conhecimento, o Brasil ocupou o 14º lugar mundial em termos de produção científica em 2023. A produção na área Quântica — responsável pelo 22º lugar — está, portanto, abaixo da média nacional.

As possibilidades de aplicação dessas tecnologias ainda estão em fase embrionária, mas há expectativas de uso, no futuro, em setores fundamentais para a segurança e a soberania nacionais, que dependem da inviolabilidade de informações criptografadas. Na prática, a sua máquina de uso pessoal deve continuar a mesma nos próximos anos, mas o modo como processamos e analisamos problemas complexos, ou como protegemos informações críticas, pode ser completamente transformado quando computadores quânticos estiverem disponíveis.

No topo das pesquisas em ciência e tecnologia quânticas, mostra o relatório BORI-Elsevier, estão China e Estados Unidos, que também lideram a produção científica mundial considerando todas as áreas do conhecimento — desde 2020, a China passou o país norte-americano e se tornou a nação com maior número de artigos científicos produzidos mundialmente). Ambos concentram, juntos, metade da produção de conhecimento sobre temáticas quânticas em 2023, sendo que a produção mundial foi de 12.045 novos trabalhos na área naquele ano. Ainda na mesma época, pesquisadores chineses publicaram 3.494 estudos sobre ciência e tecnologias quânticas. Isso resulta em quase dez novos trabalhos por dia. As pesquisas na China levaram o país a lançar, em 2016, o Micius, considerado o primeiro satélite quântico do mundo. A novidade: enquanto satélites comuns utilizam ondas de rádio para enviar mensagens, o Micius emite os fótons emaranhados de maneira mais segura. É como se fossem à prova de hackers. Já nos Estados Unidos, logo atrás da China, foram publicados 2,37 mil novos artigos na área em 2023. Para se ter uma ideia do que isso significa, pesquisadores brasileiros assinaram, no mesmo ano, 143 novos trabalhos — atrás de países como a Polônia, mas na frente de potências científicas como Israel. O Brasil é o único país da América Latina no topo da produção nesse campo.

MADE IN BRAZIL

Olhar para a ciência quântica é importante, assunto esse que estará cada vez mais em evidência, uma vez que a ONU proclamou o 2025 como o Ano Internacional da Ciência e Tecnologia Quânticas, o que significa que serão incentivadas atividades de conscientização pública sobre a importância desse campo interdisciplinar e suas aplicações. “Sabemos que a quantidade de publicações de artigos de um país reflete, dentre outros fatores, o volume de investimento realizado em pesquisa alguns anos antes. Isto é, são efeitos de médio, e não de curto prazo”, analisa Dante Cid, vice-presidente de Relações Institucionais para a América Latina da Elsevier.

Trocando em miúdos, as publicações científicas de 2023 podem ser reflexo de recursos aplicados na pesquisa há cinco anos (ou mais). Como houve, no Brasil, um corte generalizado nas verbas para a ciência como um todo no País na última década, todas as áreas do conhecimento sofreram com isso — inclusive a pesquisa em ciência e tecnologia quânticas. O problema para quem não desenvolver essa tecnologia é que não haverá como adquiri-la no futuro, diferentemente do que acontece com outros setores, como o de vacinas. “Se existir um computador quântico no futuro, este não estará à venda”, ressalta Gustavo Wiederhecker, físico na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e coordenador do Programa Quantum Technologies InitiAtive (QuTIA), da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp).

O QuTIA é um dos programas mais novos da Fapesp: foi lançado no fim de 2023 para apoiar pesquisas voltadas para o desenvolvimento de um ecossistema de tecnologias quânticas em áreas como Saúde, Agricultura e Segurança Cibernética, e a soluções de problemas computacionais complexos. “A computação quântica não é para resolver de forma mais rápida os mesmos problemas que a clássica resolve. Trata-se de ir além e abarcar questões importantes intratáveis na computação clássica”, aponta Wiederhecker. É o caso, por exemplo, de aplicações na otimização de rotas logísticas, de simulação de novos compostos químicos (como medicamentos e insulinos agrícolas) ou dos sensores quânticos, que já estão sendo utilizados e que devem revolucionar, no futuro, o campo de imagens médicas e de prospecção de recursos no subsolo.

Fora de São Paulo — Estado que produz cerca de metade da ciência nacional em todas as áreas —, também há pesquisas importantes. É o caso de Salvador, na Bahia, onde está instalado o Quantum Industrial Innovation (QuIIN), do Centro de Competência Embrapii Cimatec em Tecnologias Quânticas. A iniciativa é coordenada pela física Valéria Loureiro da Silva, profissional de referência. Ela participou da 5ª Conferência Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação, realizada em Brasília, em julho de 2024, onde se discutiu o futuro da ciência no País. Na ocasião, cientistas e políticos indicaram as áreas que devem receber mais atenção e investimentos nos próximos anos. Durante o evento, Valéria enfatizou que, para avançarmos em tecnologias do tipo, precisamos de pessoas muito bem treinadas. É como tentar construir um foguete sem engenheiros especializados — não funciona. E o QuIIN foi criado justamente para formar esses profissionais. Além disso, ela reiterou a necessidade de o País investir em pesquisa de forma constante. Não adianta injetar dinheiro apenas uma vez e, depois, esquecer. A ciência de qualidade que temos precisa de apoio ininterrupto para crescer e dar resultados.

De fato, o País começou a olhar para o assunto há mais de duas décadas, a partir de 2001, com a criação do Instituto do

Milênio de Informação Quântica, um programa do Ministério da Ciência e Tecnologia e Inovação (MCTI) financiado pelo Banco Mundial. À época, foi formado um corpo de profissionais que, por sua vez, educou muitos dos cientistas em atividade hoje em dia. Agora, já se fala na criação de um programa nacional de tecnologias quânticas, tanto que, em maio de 2024, um pouco antes da 5ª Conferência, a ministra do MCTI, Luciana Santos, criou formalmente um grupo de trabalho para propor uma iniciativa brasileira. A ideia é justamente priorizar a independência no setor das tecnologias quânticas em segmentos como segurança cibernética, transformação digital e semicondutores.

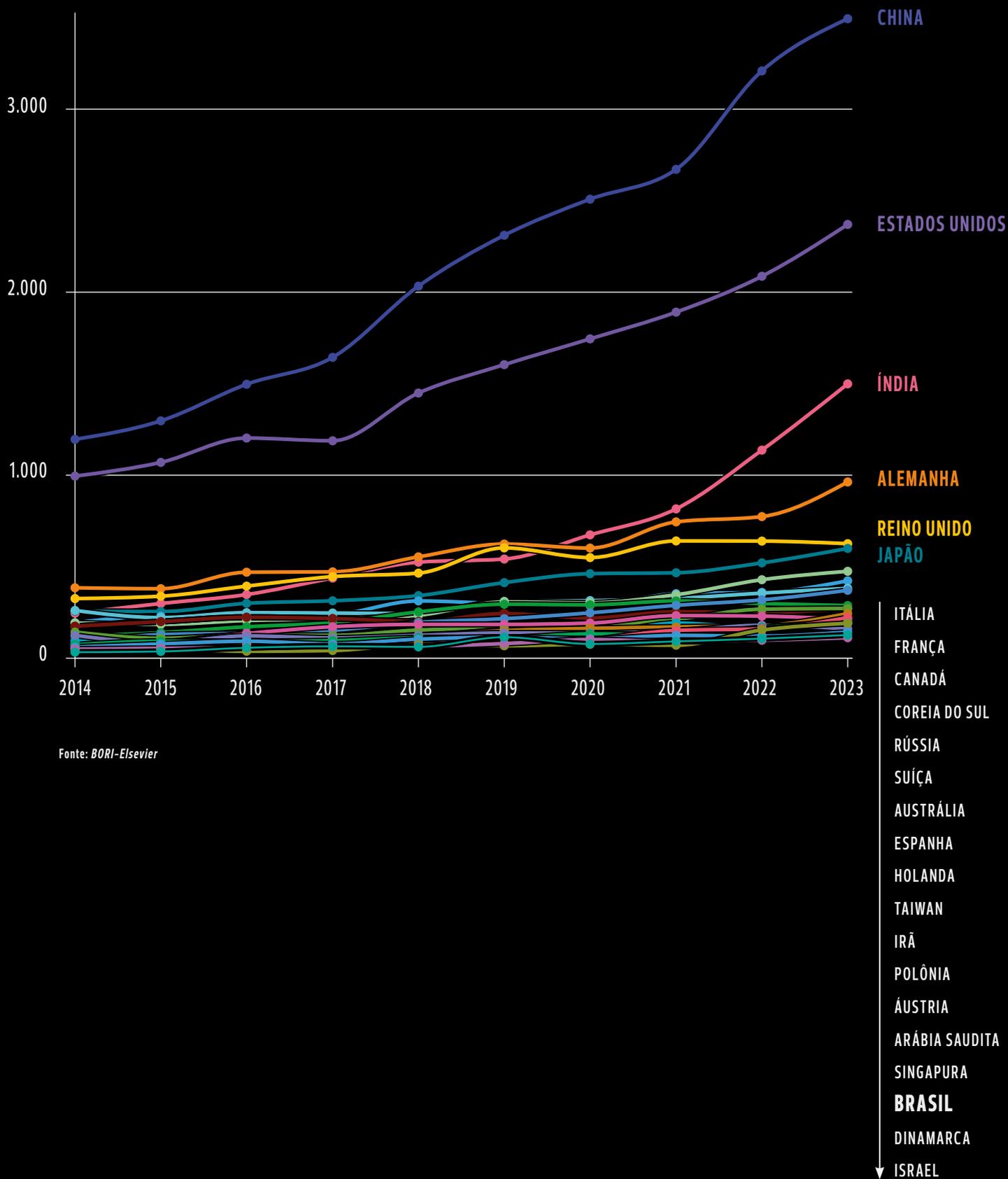
Como não se sabe se o computador quântico vai existir um dia, investir na área é apoiar a chamada ciência básica. É aquela que pode virar alguma coisa, ou não. E quem mais investe nesse tipo de pesquisa sai na frente. Isso ajuda a explicar o bom posicionamento mundial da Alemanha em termos de quantidade de artigos científicos na área. Conhecido por investir de maneira significativa em ciência básica, o país concentra quase mil trabalhos sobre ciência quântica publicados em 2023, o que o coloca em quarto lugar no mundo nesse âmbito. “A Alemanha conta com o Instituto Max Planck, que é um epicentro desse campo no mundo”, afirma Wiederhecker. O físico Max Planck, que dá nome ao instituto, aliás, é considerado o pai da física quântica, tendo sido laureado com o Nobel de Física em 1918 por suas contribuições na área.

Além de físicos, as pesquisas quânticas envolvem engenheiros, biólogos e muitas outras especialidades. No caso brasileiro, por exemplo, chama a atenção que historicamente mais de um terço (36%) da produção científica tem se concentrado especificamente em astronomia e astrofísica. Por quê? “A mecânica quântica forneceu a base para entendermos as informações codificadas na luz emitida por elementos químicos na atmosfera de estrelas e, também, a origem desses elementos desde o Big Bang”, detalha o astrofísico Ricardo Ogando, do Observatório Nacional. O próximo desafio, de acordo com Ogando, é perceber como conectar a mecânica quântica à teoria da gravidade e, assim, potencialmente explicar componentes do Universo como a matéria escura e a energia escura, cujas observações astrofísicas ainda carecem de entendimento. Isso significa que, basicamente, todos os campos da ciência estão de olho nessa área.

Mesmo que o computador quântico não se torne uma realidade no futuro — ou que demore muito para sair do papel —, pesquisadores destacam que os caminhos da ciência para compreender a área podem ter efeitos colaterais positivos no desenvolvimento de novas tecnologias. Tentando entender um campo do conhecimento, a ciência avança de maneira relevante. Então, de um jeito ou de outro, investir nesse campo trará um saldo positivo.



CORRIDA QUÂNTICA GLOBAL



Fonte: BORI-Elsevier

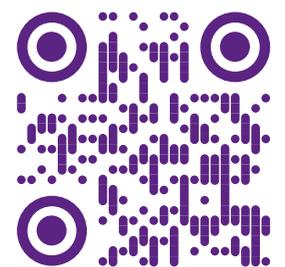


**A ciência
transforma
a sociedade.**

**Fortaleça
decisões,
impacte
vidas.**

bori

soluções para um conhecimento
científico acessível



abori.com.br

FECOMERCIO SP

Sesc Senac



Exportação com benefícios fiscais?

**Certificado de Origem FecomercioSP.
100% oportunidades para você!**

Com o Certificado de Origem FecomercioSP, você exporta o seu produto 100% nacional com vantagens oferecidas pelos acordos comerciais entre o Brasil e o mundo.

Tudo com muita agilidade, segurança, validação e aprovação em até 24 horas. E o melhor: nosso associado tem direito a descontos exclusivos na emissão do documento.



Procurando um certificado que é
100% benefício para os seus negócios?

**Use o código QR e acesse
a nossa página.**

